

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO EDITORIAL**

**O LIVRO ENQUANTO PROPAGADOR DE MITO: UMA ANÁLISE DA
PERCEPÇÃO DO GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE E O MITO DO
IMORTAL TRICOLOR ATRAVÉS DE SUAS OBRAS.**

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

Maiara Sandielly da Silva Lima

Santa Maria

2014

Maiara Sandielly da Silva Lima

O LIVRO ENQUANTO PROPAGADOR DE MITO: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO
DO GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE E O MITO DO IMORTAL
TRICOLOR ATRAVÉS DE SUAS OBRAS.

Monografia de graduação apresentada
ao Departamento de Ciências da
Comunicação da Universidade Federal
de Santa Maria (UFSM), como requisito
parcial para obtenção do Grau de
Bacharel em Comunicação Social –
Produção Editorial.

Orientadora: Prof. Tauana Weinberg Jeffman

Santa Maria
2014

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Produção Editorial**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
Aprova a Monografia de Conclusão de Curso

**O LIVRO ENQUANTO PROPAGADOR DE MITO: UMA ANÁLISE DA
PERCEPÇÃO DO GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE E O MITO DO
IMORTAL TRICOLOR ATRAVÉS DE SUAS OBRAS.**

Elaborada por
Maiara Sandielly da Silva Lima

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Graduada em Produção Editorial

COMISSÃO EXAMINADORA:

Tauana Weinberg Jeffman, Ma. (UFSM)
(Orientadora)

Sandra Rúbia da Silva, Dra. (UFSM)

Magnos Cassiano Casagrande, Ma. (UFSM)

Santa Maria, _____ de _____ de _____.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

Aos meus pais, Dilmar e Jussara, exemplos maiores da minha vida, por todo amor, apoio, tolerância e por nunca terem questionado minhas escolhas profissionais;

Aos meus irmãos Greici, Luiz Eduardo e William que estiveram ao meu lado;

À minha tia Andreia, por sempre me incentivar, estar ao meu lado e ser um dos meus maiores exemplos.

Aos meus colegas de faculdade, da primeira e segunda turma do curso de Produção Editorial, por esses quatro anos maravilhosos de amizade, aprendizado, alegria, sofrimento, paciência e dedicação. Especialmente a Inari, Caroline, Marina, Luiza e Juliana, amigas que sempre estiveram ao meu lado;

À minha amiga Carla, por todos os anos de amizade, que mesmo com a distância sempre esteve ao meu lado;

À professora e orientadora Tauana Jeffman, que foi um exemplo ao me mostrar o melhor caminho para seguir a pesquisa; que me apresentou novos caminhos, por ser mais que uma orientadora, uma amiga, sempre disposta a ajudar com excelente competência e profissionalismo, fazia com que a cada orientação eu seguisse mais motivada a prosseguir o trabalho, sempre me inspirando e apoiando.

Aos professores Sandra e Magnos, que aceitaram participar da banca examinadora e contribuir com seus conhecimentos.

A todos aqueles que passaram pelo caminho nesses anos, que me aguentaram e de alguma maneira contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

Ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, por existir, ser o clube pelo qual eu torço, por me fazer ser uma apaixonada por futebol, influenciar tanto em minha vida e ser objeto de estudo deste trabalho. Esse sentimento jamais terminará.

Aos entrevistados, pela atenção e tempo dispendido, além da honestidade e da franqueza ao comprometerem-se com o estudo.

À Universidade Federal de Santa Maria, e ao Curso de Comunicação Social, com todos os professores, colegas e funcionários envolvidos no meu processo de formação.

RESUMO

Com base nas noções teóricas oferecidas por autores como Michel Maffesoli, Edgar Morin e Juremir Machado da Silva, esta monografia analisa a história do Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense objetivando identificar de que maneira suas obras contribuem para a propagação do mito do “Imortal Tricolor”, onde características “força”, a “raça” e a crença na “imortalidade” marcam a trajetória do clube, reforçando sua identidade e fomentando ainda mais o mito. O corpus da pesquisa constituiu-se das obras *Grêmio: Nada pode ser maior* (2005), de Eduardo Bueno e *71 segundos: O jogo de uma vida* (2006), de Luiz Zini Pires. Também utilizamos cinco entrevistas, realizadas com torcedores gremistas que leram as duas obras analisadas. Desta forma, foi possível verificar como o clube é retratado nos livros, como o livro contribui para a propagação do mito e como os leitores das obras percebem esse mito em suas páginas. Procuramos entender a propagação do mito através do conhecimento comum, como o conhecimento através das vivências no permite uma abordagem indutiva, buscando compreender conteúdos e fenômenos, através de uma visão interna. Neste trabalho também são apresentados o histórico e mudanças no livro como suporte de leitura e a história do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, nos revelando como algumas características definem a imortalidade gremista ao longo dos anos.

Palavras-chave: Grêmio. Mito. Imaginário. Imortal tricolor. Livros.

ABSTRACT

Based on the theoretical notions given by authors such as Michel Maffesoli, Edgar Morin and Juremir Machado da Silva, this work analyzes Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense's history with the goal of identifying in which way its books contribute to the propagation of the "Tricolor Immortal" myth, where characteristics "strength", "race" and the belief on the "immortality" mark the team's trajectory, reinforcing its identity and fostering even more the myth. The research's corpus constitutes in the books *Grêmio: Nada pode ser maior (Grêmio – nothing can be bigger, 2005)*, of Eduardo Bueno and *71 segundos: O jogo de uma vida (71 seconds – a life's game, 2006)*, of Luiz Zini Pires. Five interviews were also utilized, made with gremistas fans that read the two analyzed books. Thus, it was possible to verify how the team is portrayed in the books, how the book contributes to the propagation of the myth and how the book's readers perceive this myth in the books. We tried to understand the propagation of the myth through the common knowledge, how the knowledge through the experiences allows a inductive approach, seeking to understand contents and phenomena, through an insight. In this work the historic and changes in the book as a reading tool and Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense's history are also presented, revealing how some characteristics define the gremista's immortality throughout years.

Keywords: Grêmio. Myth. Imaginary. Tricolor immortal. Books.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Papiro utilizado pelos egípcios como suporte para a escrita.....	29
Figura 2: Tabuleta de argila com escrita suméria.....	29
Figura 3: Pergaminho do século XII	30
Figura 4: Códice	32
Figura 5: Capa do livro Grêmio: Nada pode ser maior	63
Figura 6: Capa do livro 71 segundos: O jogo de uma vida.....	69

LISTRA DE TABELAS

Tabela 1: Modelo de tipologia em entrevista.	20
Tabela 2: Amostra de entrevistados	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 METODOLOGIA	15
1.1 Pesquisa Bibliográfica	16
1.2 Entrevistas em profundidade	18
1.3 Pesquisa exploratória	22
1.3.1 Coleta dos dados (entrevista)	22
1.3.2 Análise dos dados (entrevista)	24
1.4 Análises dos livros através do imaginário.....	25
2 HISTÓRICO E METAMORFOSES DO LIVRO	27
2.1 O livro manuscrito	27
2.2 O livro impresso	32
2.3 O impresso no Brasil e o mercado editorial.....	34
2.4 Literatura esportiva.....	40
3 O GRÊMIO	42
3.1 Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense – Uma história de 111 anos	43
3.2 Grêmio e livros	47
3.3 Skoob	49
4 MITO, IMAGINÁRIO E TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO	52
4.1 Imaginário.....	52
4.1.1 As tecnologias do imaginário	55
4.2 Mito.....	57
5 PROPAGAÇÃO DO MITO DO IMORTAL TRICOLOR	60
5.1 As origens do termo “Imortal tricolor”	60
5.2 O mito no livro	62
5.3 O mito segundo o torcedor	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

APÉNDICE A..... 91

ANEXO A 92

ANEXO B 95

INTRODUÇÃO

A evolução dos livros anda de mãos dadas com a evolução da escrita. O livro, desde o início, além de fonte de conhecimento sempre serviu como um companheiro para as horas de lazer. Podem ser de bolso ou de cabeceira, científico ou de ficção, variando o tamanho, material e suporte. Sabe-se que os livros existem há no mínimo seis mil anos e nos mais diversos suportes para registrar a história, evolução, conhecimentos e experiências do homem. Sua provável origem é Suméria, em forma de blocos de argila com escrita cuneiforme, do tamanho da palma da mão. Com o decorrer do tempo, foram sendo introduzidas novas técnicas para aperfeiçoar ainda mais o livro, até chegar ao modelo que conhecemos atualmente¹.

O livro no Brasil teve seu início no período colonial, quando alguns holandeses, entre os anos de 1630 e 1650, tentaram introduzir a tipografia no país. No início, os livros eram vistos com desconfiança, sendo aceito com bons olhos apenas no auxílio da evangelização cristã². Em 1808, com a instalação da Imprensa Régia, o cenário no país começou a mudar com a impressão dos livros e a criação de livrarias no Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Pernambuco, Paraíba, Pará e São Paulo. No século XX os livros começaram a ser impressos em grande quantidade. Entre os anos de 1930 e 1960 surgiram editoras importantes como a Martins Editora, Editora Ática, Livraria do Globo e Instituto Nacional do Livro.

O amor pelo livro e pela leitura surge quase que inesperadamente e trazem consigo um mundo fantástico. Sabe-se que o contato com os livros pode abrir caminhos, pois eles contribuem para a formação de cidadãos e trazem consigo muitas coisas boas, mas nem sempre se pensou assim. Entre os anos de 1769 e 1834, o Brasil sofreu uma grande censura por parte de Portugal que acreditava que os hábitos de leitura poderiam ser prejudiciais e que acabariam por propagar na colônia ideias que por aqui não eram bem-vindas. Mesmo assim, os livros entravam no país e conquistavam seu público, que com uma permissão dos órgãos de censura, não deixavam de ler e adquirir os livros. O gosto pela leitura começa logo na infância, com livros de histórias curtas, cheios de ilustrações e confeccionados com matérias diferentes, direcionados especialmente para as crianças, para que, assim, o livro desperte o interesse delas.

1 (MARTINS, 2002).

2 (CHARTIER, 1998).

Os livros são grandes companheiros e existem diversos tipos de leitores: aqueles que leem porque gostam, por lazer, por passatempo ou aqueles que leem por obrigação. Existem aqueles livros que nos acompanham por toda a vida ou aqueles que lemos de passagem, por curiosidade. Possuem as mais diversas características, formatos, suportes, acabamentos e design. São essas características, além do conteúdo, que nos cativam, envolvem e nos prendem em um mundo criado nos livros, que nos faz viajar sem sair do lugar, conhecer novos lugares e “pessoas”.

O livro sempre foi concebido como um material intelectual, difusor de pensamentos, ideias e conhecimentos, mas nos dias atuais, ele também é visto como um produto de lazer, algo usado para nos distrair, nos divertir, entreter. Nutrimos e mantemos uma relação física com os livros, de toque, de sentimentos, nos envolvemos com suas histórias e nos deixamos levar, provocando em nós leitores, sentimentos de identificação com as obras. A exemplo disto o livro *O clube do livro do fim da vida* (2013), de Will Schwalbe, retrata a relação entre mãe, filho e livros. A partir desta obra compreendemos o poder da leitura, a importância dos livros e como eles nos ajudam em nossas relações com outras pessoas. O livro também pode fazer o papel de mediador, possibilitando que pessoas até então estranhas se unam em função de sua história, compartilhando pensamentos e dicas através de pontos em comum³. A leitura nos permite absorver e nos apropriar daquilo que queremos de determinado livro e da maneira que desejamos usá-lo para saciar aquilo que nos falta e é dado através dos livros.

Podemos estabelecer e consolidar relações com outros elementos através dos livros. É o que podemos ver através dos livros que falam a respeito do Grêmio Football Porto Alegre. Os leitores tendem a consumir esse tipo de obra devido aos sentimentos que dedicam ao Grêmio, como uma parte da lealdade ao clube. Segundo dados atuais, essa fidelidade é tão grande, que concede ao Grêmio a quinta marca mais valiosa⁴ entre os clubes brasileiros, valendo R\$ 478,5 milhões de reais. Esse valor se deve à torcida e receitas com a venda de produtos licenciados. Os livros voltados aos torcedores faz com que esses criem uma ligação com o clube, buscando nessas leituras conhecer a história do clube ou reviver momentos inesquecíveis. Os apaixonados por futebol anseiam ler e discutir sobre aquilo que

³ (JEFFMAN, 2014).

⁴ Dados apresentados no relatório anual da Consultoria BDO.

mais amam, desejam manter-se informados sobre todos os aspectos que envolvem seu time do coração.

Considerando o elo consolidado entre os torcedores e o Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense, o problema de pesquisa que norteará esse trabalho se guia pela seguinte questão: **Como o livro é utilizado na propagação do mito “Imortal Tricolor”?** Como objetivo geral, o estudo se propõe a investigar qual a relação dos leitores-torcedores com os livros que falam a respeito do Grêmio e como esses livros propagam e perpetuam o mito do imortal. Como objetivos específicos foram enumerados os seguintes: (1) traçar e compreender as transformações dos livros e do mercado editorial, a fim de acompanhar o progresso dos suportes; (2) compreender o percurso do livro no Brasil, para entender os rumos que o impresso tomou no país; (3) examinar como o mercado é voltado para os amantes de futebol, em especial, os gremistas; (4) investigar a relação do leitor-torcedor com o clube através dos livros; (5) analisar como o Grêmio é representado nos livros e como isso colabora para propagar o mito do imortal tricolor.

O interesse em estudar esse assunto é devido à curiosidade a respeito da união entre literatura e futebol, que apesar das estatísticas⁵ apontando o baixo nível de leitura dos brasileiros, entendemos como duas das grandes paixões da população. Para a jornalista Clara Albuquerque (apud, Yahoo!, 2014, online), “o futebol é um assunto que pode atrair novos leitores”. O futebol, assim como a literatura que consumimos, diz muito a respeito de quem somos, pois ele deixou de ser apenas um entretenimento, passando a ocupar parte do cotidiano das pessoas. Entender a importância dessas obras no mercado editorial nos abre um campo ainda pouco explorado no Brasil, pois livros sobre o esporte são escassos, havendo uma lacuna na literatura sobre esse gênero. Assim como os livros, os estudos referentes ao futebol e literatura são escassos. Segundo Marcelo Duarte (apud, Yahoo!, 2014, online), diretor da Panda Books, o Brasil não possui “uma literatura de futebol própria, com obras de ficção e romances com um estilo definido”.

A partir disso, esta pesquisa objetiva identificar e analisar o processo difusor do mito da imortalidade gremista. Através dos livros, procuramos entender de que maneira algumas obras contribuem para isso e a relação dos entrevistados com os

⁵ Pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” do Instituto Pró-leitura, divulgada em 2012, revelou que a média de leitura do brasileiro em 2011 foi de 1,85 títulos, ficando atrás de países como Chile e Argentina onde a média de livros lidos foi 5,4 e 4,6 livros por habitante ao ano.

livros e com o clube. Procuramos também construir um panorama das obras relacionadas ao Grêmio e sua história, compreendendo assim as diversas maneiras como o mito do “Imortal Tricolor” é abordado e propagado. Durante a pesquisa e a realização do estado da arte deste trabalho encontramos uma escassez de trabalhos que discorrem sobre o mito do “Imortal Tricolor”, e mesmo esses que encontramos não contemplam a utilização dos livros para a propagação desse mito.

Para a realização desse trabalho foram realizadas duas pesquisas principais: a primeira a respeito das obras dedicadas o Grêmio e a segunda pesquisa realizada para identificar os leitores-torcedores⁶, através da plataforma Skoob⁷. Primeiramente procuramos os livros do Grêmio que possuem cadastro na plataforma e após a identificação das obras, observamos que alguns usuários se repetiam. Sendo assim, selecionamos os usuários que possuíam mais livros do Grêmio listados como lidos. Após a escolha dos entrevistados, realizamos uma lista das obras lidas por todos, para então chegar a uma relação de cinco entrevistados e dois livros, que foram utilizados como objetos de análise. Deste modo, os livros escolhidos para a análise foram: *Grêmio: Nada pode ser maior* (2005) e *71 segundos: O jogo de uma vida* (2006).

A partir disto, nosso trabalho estrutura-se em quatro capítulos da seguinte forma: no primeiro capítulo a metodologia utilizada no trabalho é apresentada. Trata-se de uma multimetodologia, composta por pesquisa exploratória, entrevista em profundidade e pesquisa bibliográfica a fim de entender os leitores, suas relações com o clube e com o mito do “Imortal Tricolor”. Como referência utilizamos os autores Jorge Duarte e Antonio Barros (2010), Jairo Grisa (2003) e Augusto N. S. Triviños (1987). Em questão de análise mítica, a sociologia compreensiva auxilia-nos em nossas análises, através dos preceitos de Michel Maffesoli.

O segundo capítulo traz um panorama da história do livro e suas transformações, o mercado editorial no Brasil e a relação entre livros e futebol. Para isso utilizamos autores como Roger Chartier (1998), Aníbal Bragança e Márcia Abreu (2010) e Wilson Martins (2002). No terceiro capítulo, observamos a história do Grêmio, as obras sobre o clube e o Skoob, visto que esta plataforma foi utilizada para a escolha dos entrevistados. Para compor este capítulo, iremos aqui, utilizar

⁶ Entendemos os entrevistados por essas duas perspectivas. Sendo assim, juntamos essas duas características em uma expressão.

⁷ Disponível em: <<http://www.skoob.com.br>>. Acesso em: 04 jul. 2014.

autores como Eduardo Bueno (2005) e Tauana Mariana Weinberg Jeffman (2014), além de informações retiradas do site oficial do clube.

No quarto capítulo, a fim de instruir os leitores com relação aos conteúdos utilizados para a construção da pesquisa, compreendemos os conceitos do mito, do imaginário e das tecnologias do imaginário marcado por meio dos estudos de Juremir Machado da Silva (2006 e 2010), Gilberto Durand (2010), Michel Maffesoli (2010), Mailena Chaui (2002), Everardo Rocha (1999), e Edgar Morin (1989).

É no quinto capítulo que nos dedicamos à análise dos dados. Neste, analisamos as entrevistas realizadas com os leitores-torcedores das obras, a trajetória histórica do clube e reflexões sobre a propagação do mito “Imortal Tricolor”. Este capítulo é inteiramente dedicado às obras referentes ao Grêmio. Através das obras de autores como Eduardo Bueno (2005) e Luiz Zini Pires (2006) procuramos identificar a maneira como o mito do “Imortal Tricolor” é apresentado. Finalizando o estudo, apresentamos as considerações finais e as referências utilizadas para a realização do trabalho.

A partir do referencial teórico e das entrevistas, pretendemos identificar e entender o papel do livro para a perpetuação da história do Grêmio e a maneira como ele colabora para propagar o mito do “Imortal Tricolor”.

1 METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho e com propósito de atingir nossos objetivos, realizamos uma pesquisa exploratória para compreendermos as relações dos leitores e torcedores gremistas com as obras relacionadas ao Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense; auxiliada por pesquisas bibliográficas, entrevistas em profundidade e análises de tecnologia do imaginário. Portanto, optamos por um estudo com multimétodos. A pesquisa exploratória possui caráter qualitativo, o que nos permite, a partir de uma análise profunda, obter respostas ricas através das afirmações das pessoas que são diretamente envolvidas com o objeto e o tema que são estudados.

Para a realização deste estudo, foram utilizados métodos e técnicas de pesquisa condizentes com seus objetivos e propósitos. O primeiro consiste em uma pesquisa bibliográfica. A escolha pelo método se deu pelo fato de que este nos permite identificar e compreender conceitos, teorias e contextualizações históricas pertinentes para o desenvolvimento deste estudo. O segundo método a ser utilizado foi a entrevista em profundidade, tendo como objetivo a coleta de informações profundas sobre o objeto e tema estudados, com base na explanação dos entrevistados sobre o assunto. É importante ressaltar que os entrevistados selecionados para o nosso trabalho estão presentes e foram localizados através da rede social segmentada Skoob, a partir do cadastro de livros relacionados ao Grêmio presentes na plataforma. Por último, realizamos a análise do “mito do imortal tricolor” auxiliados pela noção tecnologia do imaginário, proposta por Juremir Machado da Silva, bem como através dos preceitos de Gilberto Durand (2010), Michel Maffesoli (2010) e Edgar Morin (1989). A seguir, detalhamos e explicamos cada um dos métodos utilizados e o que nos levou a aplicá-los.

1.1 Pesquisa Bibliográfica

A fim de obtermos um conhecimento mais aprofundado sobre os conceitos trabalhados no decorrer do trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica. O embasamento teórico nos ofereceu uma base para identificar da melhor maneira as questões a respeito do mito, imaginário e tecnologias do imaginário, do universo do clube gaúcho e das relações entre o torcedor e o Grêmio, entre outras noções essenciais que constam no trabalho.

Segundo Ida Regina C. Stumpf (2010, p. 51), a pesquisa bibliográfica consiste no

planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado.

Para Stumpf (2010), nesse texto devemos apresentar toda a literatura examinada pelo pesquisador para a realização do trabalho, de modo que fique claro o pensamento de cada autor, incluindo suas próprias opiniões e ideias a respeito do assunto. Como todo e qualquer trabalho acadêmico, este estudo pretende o aprofundamento em um determinado tema, que neste caso é sobre questões relativas ao mito do “Imortal Tricolor”, como esse mito foi propagado e o papel do livro nessa propagação. Para tal, antes de prosseguir nesses tópicos, é necessário saber que estudos já foram realizados na área referente ao tema e objeto de estudo, sendo revisar a literatura existente a respeito do tema escolhido uma das funções desse método. Essa função

visa identificar informações bibliográficas, selecionar documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2010, p. 51).

Mesmo sendo uma etapa elaborada no início do processo, servindo de base para o estudo, ela é uma parte fundamental, pois “a revisão de literatura é uma atividade contínua e constante em todo o trabalho acadêmico e de pesquisa”, evitando assim “depender esforços em problemas cuja solução já tenha sido encontrada”, servindo de apoio e consulta para o pesquisador (STUMPF, 2010, p. 52).

Para Stumpf (2010, pp. 53-54), depois de definido o problema e feito um planejamento de busca dos materiais já existentes a respeito do assunto, existem quatro etapas na pesquisa bibliográfica que devem ser cumpridas: (1) identificação do tema e assuntos afins; (2) a seleção das fontes; (3) localização e obtenção do material e (4) a leitura e transcrição dos dados. A identificação do tema e assuntos abordados no trabalho podem sofrer alterações e ajustes no seu decorrer conforme o pesquisador vai lendo sobre o assunto de relevância para o trabalho. A escolha do tema se deu ao interesse no assunto e a boa junção entre literatura e futebol nos fez querer desenvolver um trabalho com prazer, pois “o desejo de esclarecer um assunto não suficientemente investigado” é o que vai nos manter “motivados para

atingir este objetivo” (STUMPF, 2010, p. 53). Assim que foi escolhido o tema, selecionamos subtemas, termos e palavras-chave que tivessem ligação com este, objetivando facilitar a busca de informações e bibliografias, cumprindo a primeira etapa da pesquisa bibliográfica citada anteriormente.

A segunda etapa consiste na seleção das fontes. Para Stumpf (2010, p. 56), existem diferentes formas para realizar essa etapa como fontes secundárias, bibliografias especializadas, índices com resumo, portais, resumo de teses e dissertações, catálogos de bibliotecas e catálogos de editoras. Para esta etapa escolhemos autores que são referência da área e nos assuntos pertinentes sobre livros e mito. Para a localização e obtenção dos materiais, a terceira etapa, fizemos uso da internet para a localização de artigos, monografias e teses através das palavras-chave determinadas anteriormente. Para a consulta de livros, recorreremos às bibliotecas, livrarias e amigos que possuem os livros necessários para a construção do trabalho. Para tratar do assunto referente ao Grêmio, usufruímos de sites, livros, matérias de jornais e artigos.

Finalmente, a última etapa é a leitura e transcrição dos dados. Após a leitura dos materiais encontrados e selecionados para o uso como base, elaboramos os fichamentos digitais que foram separados por assunto, a fim de facilitar a redação do trabalho e a localização para consulta sempre que necessário.

1.2 Entrevistas em profundidade

A escolha da segunda técnica utilizada para o desenvolvimento do trabalho foi devido ao desejo em explorar questões em relação aos objetos de estudo, os livros do Grêmio, e entender a visão dos torcedores quanto ao mito da imortalidade gremista. Levamos em consideração que, através dessa técnica, a visão desses torcedores pode ser explorada em detalhes, pois a conversação é feita um a um. Segundo Jorge Duarte (2010, p. 62), a entrevista em profundidade se trata de uma

técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada.

Ainda segundo o autor, a entrevista em profundidade não busca quantificação, mas sim “recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2010, p. 62).

É um tipo de entrevista onde não existe roteiro fixo, permitindo uma flexibilidade entre ambas as partes, do entrevistado em expor as respostas e do entrevistador em moldar as perguntas livremente para obter respostas intensas. Desta maneira, optamos por esse método porque nos permite de maneira completa e segura, explorar o assunto dando ênfase para o que consideramos importante e necessário para a sua compreensão, por meio da visão dos torcedores. Duarte (2010, p. 63) afirma que

nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar os fenômenos de abrangência limitada.

Julgamos esse método adequado para a realização do estudo a partir do nosso problema de pesquisa, pois nos permite esclarecer nossas dúvidas. Contudo, para ser eficaz, a entrevista em profundidade deve ser feita com pessoas que estejam envolvidas com o objeto e que tenham um conhecimento aprofundado sobre o assunto. Deste modo, a amostragem foi não-probabilística, ou seja, os entrevistados foram selecionados propositalmente, pois foram considerados apropriados para responder as questões referentes ao tema estudado. Assim, procuramos conhecer e entender a questão central do nosso trabalho através das entrevistas feitas com os leitores-torcedores das obras sobre o Grêmio, pois estes possuem um envolvimento sentimental e conhecimento sobre a história do clube, sendo, portanto, capazes de responder os questionamentos. Devido às especificidades da nossa pesquisa, optamos por uma amostra pequena, formada por quatro entrevistados, pois através da escolha adequada, é possível obter relatos consistentes nas entrevistas.

Duarte (2010, p. 64) acredita que “a entrevista em profundidade é extremamente útil para estudos do tipo exploratório, que tratam de conceitos, percepções ou visões para ampliar conceitos sobre a situação analisada” e a classifica de diferentes tipos, conforme o quadro a seguir:

Tabela 1: Modelo de tipologia em entrevista.

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
Qualitativa	Não-estruturadas	Aberta	Questão central	Em profundidade	Indeterminadas
	Semi-estruturadas	Semi-aberta	Roteiro		
Quantitativa	Estruturadas	Fechada	Questionário	Linear	Previstas

Fonte: Duarte e Barros, 2010, p. 65.

Escolhemos a pesquisa qualitativa, com questões semiestruturadas e entrevista semiaberta. Essa escolha se deu pelo fato de que possuímos um tema central bem definido a ser explorado: a propagação do mito do imortal tricolor e o uso do livro para tal propagação. A entrevista semiaberta tem uma matriz de origem, contendo um roteiro de questões pré-estabelecidas, mas que no decorrer da entrevista pode ser adaptada, pois a maioria das perguntas gera-se na medida em que a entrevista se desenrola. Para Augusto Nivaldo Silva Triviños (1990, p. 146),

ela parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

As questões desse tipo de entrevista tem origem no problema de pesquisa estabelecido pelo pesquisador, buscando saciar toda a amplitude do tema, sendo as perguntas de forma mais aberta possível, possibilitando assim que o assunto seja aprofundado aos poucos. Desta forma, as questões que antes eram gerais vão se modificando e se tornando específicas. Esse método é útil, pois nos permite fazer uma comparação entre as respostas e assim articular os resultados de melhor maneira. A entrevista em profundidade não tem a pretensão de generalizar ou provar algo, pois

o julgamento da validade de uma investigação científica pode ser obtido pela construção metodológica do trabalho, ao relacionar formulação teórica, questões de pesquisa, perguntas, critérios de seleção dos entrevistados – ou seja, é identificada já no exame do projeto (DUARTE, 2010, p. 68).

Sendo assim, é necessário ter cuidado com a coleta dos dados e a análise permanente da literatura utilizada garante a validade dos resultados obtidos.

Como abordado anteriormente, a escolha dos entrevistados foi não-probabilística, como é corriqueiro nos estudos qualitativos. A entrevista não-probabilística pode ser de duas maneiras: por conveniência ou intencional⁸. A nossa seleção foi intencional, escolhendo entrevistados por julgamento particular, definindo-os de acordo com a sua afinidade, conhecimento e relação com o assunto. Assim para estabelecer questões relativas aos livros do Grêmio e o mito do imortal tricolor, selecionamos através da rede social colaborativa para leitores – o Skoob, quatro leitores que possuíam como “lidos” os livros do Grêmio escolhidos para a análise.

O instrumento de coleta utilizado foi o uso da internet, assim, realizamos apenas entrevistas à distância. O uso da internet se justifica porque alguns entrevistados são de outras cidades, impossibilitando o acesso por outros meios, assim as entrevistas foram realizadas via e-mail.

Na transcrição e análise dos resultados, o pesquisador precisa articular as informações coletadas para conduzir o leitor. Essa análise dos dados e informações “implica separar o todo em partes e examinar a natureza, funções e relações de cada um” (DUARTE, 2010, p. 78). Com os objetivos do seu trabalho bem claros, o pesquisador deve classificar as informações “a partir de determinado critério, estabelecendo e organizando grupos de temas comuns” (DUARTE, 2010, pp. 78-79). Esses grupos, chamamos de categorias que

reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir do fracionamento e da classificação em temas autônomos, mas inter-relacionado. Em cada categoria, o pesquisador aborda determinado conjunto de respostas dos entrevistados (DUARTE, 2010, p. 79).

No caso das entrevistas semiabertas, essas categorias são estipuladas no roteiro, entretanto, não podem ser rígidas, mas sim adaptáveis, permitindo agrupar uma mesma pergunta em duas categorias ou duas perguntas em uma mesma categoria. Deste modo, as questões são guias para o desenvolvimento da conversa, não limitando nem o pesquisador nem o entrevistado à perguntas fixas. As entrevistas, junto com o corpo teórico utilizado para a construção deste trabalho, funcionam para complementar a discussão referente ao assunto.

⁸ (BARROS E DUARTE, 2010, p. 69)

1.3 Pesquisa exploratória

A pesquisa exploratória permite uma maior familiaridade entre o pesquisador e o assunto pesquisado. Este método é aplicado em estudos cujo problema de pesquisa é um assunto que possui poucos estudos a seu respeito, tendo em vista torná-lo mais explícito. A pesquisa exploratória é bastante específica, podendo tomar a forma de um estudo de caso articulado com outras fontes, dando base ao assunto discutido. Segundo Antonio Carlos Gil (apud GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 35) esse tipo de pesquisa envolve três etapas: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que possuem experiências com o tema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Sua escolha deve-se ao fato de que ela nos permite, através do conhecimento comum e do imaginário, entender de que maneira o mito do “Imortal Tricolor” é transmitido aos leitores nos livros e de que modo os leitores entendem esse mito. Ainda segundo Gil (2008, p. 27), a pesquisa exploratória proporciona ao pesquisador uma visão geral sobre um determinado fato, aproximando ainda mais o pesquisador do objeto pesquisado. Essa técnica também possibilita que através de uma pequena amostra o pesquisador defina as questões que serão trabalhadas e quais irão precisar de atenção maior e investigação mais detalhada.

1.3.1 Coleta dos dados (entrevista)

Após a definição do problema e o tema da pesquisa, assim como o levantamento da bibliografia existente sobre o tema, iniciamos a busca por fontes e a coleta dos dados. Sabemos que as fontes dividem-se em primárias e secundárias. De acordo com Ken Burtenshaw (2010, p. 76), as primárias consistem em informações obtidas diretamente da fonte, por questionários ou observação. Já as secundárias caracterizam-se por serem informações preexistentes, localizados de forma rápida e barata, como informações retiradas da internet e livros.

Para o nosso trabalho foram usadas fontes primárias e secundárias, sendo elas documentos e testemunhos. Nossas fontes de informação foram dois livros que contam a trajetória do clube gaúcho Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense e entrevistas em profundidade, utilizadas com o intuito de obter dados profundos e ricos em detalhes a cerca do objeto de estudo.

Após pesquisar os livros na plataforma Skoob, escolhemos através desta os entrevistados para a pesquisa. O livro *Grêmio: Nada pode ser maior* (2005) possui dados no Skoob como: 134 “leu”, 9 “lendo”, 52 “vão ler”, 1 “relendo”, 2 “abandonos” e 3 resenhas⁹. Já o livro *71 segundos: O jogo de uma vida* (2006) apresenta: 204 “leu”, 2 “lendo”, 25 “vão ler” e 4 resenhas¹⁰. Entre o total de 338 leitores desses dois livros, selecionamos quatro.

Para realizar a seleção dos entrevistados, primeiramente buscamos analisar aqueles que leram a maior quantidade de livros a respeito do clube. O segundo passo consistiu analisar entre os pré-selecionados aqueles que necessariamente leram as duas obras escolhidas para análise. Assim, após realizar essa primeira parte, porém fundamental para a realização da entrevista, estabelecemos o primeiro contato com os entrevistados, com o propósito de apresentar o presente estudo e convidá-los para participar das entrevistas. Esse primeiro contato foi realizado através das redes sociais Skoob e Facebook¹¹. Após as primeiras conversas, enviamos as perguntas para os entrevistados via e-mail, pois alguns não residem na cidade de Santa Maria. A pesquisa, contato e entrevista são passos importantes para discutir a proposta deste estudo, além da interação com as fontes. Os entrevistados dividem-se entre mulheres e homens, sendo dois de cada sexo, coincidentemente com idade entre 20 e 25 anos e profissões diferentes. As entrevistas ocorreram entre 19 e 30 de setembro de 2014.

Com o intuito de obtermos informações necessárias para a pesquisa, optamos por utilizar uma entrevista semiestruturada, pois esta permite uma maior liberdade para o entrevistado. De acordo com Triviños (1987), esse modelo de entrevista caracteriza-se por partir de questionamentos originados e relacionados com a pesquisa, tornando-se rica quando novas perguntas surgem a partir das respostas, permitindo que o entrevistado mantenha seu raciocínio, colaborando com a pesquisa de maneira intensa.

É importante ressaltar que encaminhamos aos entrevistados um “Termo de consentimento livre e esclarecido”, esclarecendo que as informações concedidas por

⁹ Disponível em: <<http://www.skoob.com.br/livro/8320ED9577-gremio-nada-pode-ser-maior>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.skoob.com.br/livro/1156ED1580-71-segundos-o-jogo-de-uma-vida>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

¹¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

eles seriam utilizadas apenas para a presente pesquisa e que seus dados seriam mantidos em sigilo. Este mesmo termo consta no apêndice.

1.3.2 Análise dos dados (entrevista)

Para que pudéssemos dar início à análise dos dados coletados, escolhemos em princípio o que seria analisado e qual a sua razão. Após serem examinados, identificamos os temas de todas as entrevistas que marcaram a trajetória dos entrevistados. Esses dados foram organizados de acordo com as hipóteses do trabalho, buscando identificar as principais etapas, acontecimentos e experiências de cada indivíduo. Após essa categorização, os dados foram triangulados com as demais fontes, a fim de contextualizar e contrastar o material coletado para assim validar o estudo. Essa triangulação das fontes é uma combinação dos relatos dos entrevistados, os dados retirados dos livros e de outros registros, tais como jornais, sites, revistas, monografias e dissertações.

Segundo Nicholas W. Jankowski e Fred Wester (1993 apud GRISA 2003, p. 312), caracterização do objeto estudado é uma indução analítica, onde há uma descrição geral do assunto trabalhado, com as características importantes sendo especificadas. Após isso, analisa-se uma especificidade com base na descrição geral, assim, deste modo, todos os casos observados se ajustam as características do fenômeno estudado. Sendo assim, o objeto pode ao mesmo tempo ser analisado e interpretado conforme o andar e desejo do pesquisador.

Procuramos analisar as entrevistas através da relação do leitor-torcedor com as obras do Grêmio, buscando compreender de que maneira o leitor percebe que o mito do Imortal Tricolor é transmitido a eles e assim propagando-se. Examinamos também a relação dos leitores com o Grêmio, como os sentimentos pelo clube influenciaram nas leituras, quais suas motivações e crenças e como enxergam o clube através dos livros. As entrevistas foram analisadas entre os dias 8 e 14 de outubro de 2014. Cumpridas todas as etapas, os dados foram analisados, apresentados e relatados no capítulo 6.

1.4 Análises dos livros através do imaginário

Nosso trabalho consiste em analisar a propagação do mito do “Imortal Tricolor” através de duas fontes: a primeira parte consiste em analisar de que maneira os leitores compreendem essa propagação por meio dos livros. Já na segunda parte, analisamos a fonte, ou seja, os livros; através do olhar do pesquisador.

Realizar a análise das obras é importante para a compreensão como os escritores reproduzem este mito e como o pesquisador, enquanto leitor; percebe como ele é transmitido. Sendo assim, buscamos observar a presença do mito do imortal tricolor e como este se apresenta nos livros selecionados para este estudo. A leitura das obras foi realizada de maneira que o pesquisador pudesse identificar o envolvimento dos escritores, os detalhes da narrativa e como o mito é narrado no decorrer da publicação. Além disso, tomamos emprestadas as noções dos autores presentes neste estudo, para que pudéssemos tirar o véu que encobre a familiaridade de nosso objeto, percebendo e compreendendo elementos que passam despercebidos pelo olhar do cotidiano. Também averiguamos o termo “Imortal Tricolor” e se ele é apresentado e enaltecido no decorrer do livro e como é utilizado.

Identificamos, através de uma pesquisa exploratória, cerca de 30 livros relacionados ao Grêmio. Após identificar as obras, detectamos quantas destas pertencem a coleções, quando se deram as publicações, as editoras, escritores e sobre o que retratava cada livro, buscando organizar os livros por assuntos, como história do clube, jogadores e jogos inesquecíveis. Após realizarmos esta listagem, optamos por duas obras, publicadas nos anos 2005 e 2006, tomando com referência o jogo realizado em 2005, “A batalha dos Aflitos”. Escolhemos as obras *Grêmio: Nada pode ser maior*, escrita por Eduardo Bueno (2005) e *71 segundos: O jogo de uma vida* (2006), de Luiz Zini Pires. Tal escolha se deu porque o primeiro livro retrata a história do clube e seus feitos, e o segundo apresenta os acontecimentos sobre o jogo. Esta escolha também se justifica porque, como será apresentado no capítulo 6, o termo “Imortal Tricolor” tomou outras circunstâncias, outro significado após o jogo de 2005. Sendo assim, buscamos através dessas obras, compreender como o termo era utilizado antes e após este acontecimento.

Realizamos a análise dos livros através do conhecimento comum, proposta por Michel Maffesoli (2010) e através das tecnologias do imaginário, que segundo

Juremir Machado da Silva (2006, p. 22), são “dispositivos (elementos de interferência na consciência e nos territórios afetivos aquém e além dela) de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida”. Portanto, iremos analisar como diferentes visões descrevem o mito do “Imortal Tricolor”. Já Maffesoli nos oferta a noção de conhecimento comum, como aquele que adquirido através das vivências, do experimentado. Conhecimento comum se caracteriza por ser o conhecimento da massa, do povo, por ser o pensamento das ruas, aquele que para reconhecer a sua verdade não é necessário comprovar cientificamente.

Em seu livro *O conhecimento comum* (2010), Maffesoli nos apresenta uma introdução à sociologia compreensiva. Este método permite uma abordagem indutiva, não sendo necessário construir conteúdo ou explicar os fenômenos, mas sim compreendê-los, buscando entender esse objeto sem petrificá-lo, buscado o conhecimento “através de uma visão interna” (2010, p. 29). Para Maffesoli (2010, p. 49), somos parte do contexto, “integrante (e interessada) daquilo que desejamos falar” e dessa forma “podemos apreender, ou pressentir, as sutilezas, os matizes, as descontinuidades dessa ou daquela situação social”. O uso do método compreensivo neste estudo se dá justamente porque pressupõe que o pesquisador seja parte integrante do grupo interessado.

Maffesoli (2010, p. 31) também alega que não existe uma única realidade, mas sim, “maneiras diferentes de conhecê-las”. Sendo assim, o mito de “Imortal Tricolor” é visto de maneira distinta entre os próprios gremistas e entre gremistas e colorados, por exemplo. Isso se deve ao fato de não há uma linearidade de todas as pessoas sobre o Grêmio. Essa linearidade pode tomar forma pelos gremistas justamente porque eles participam de um imaginário que os colorados não participam, pois possuem percepções diferentes.

Com isso, buscamos conhecer e compreender a diferentes maneiras do mito do “Imortal Tricolor” através da perspectiva dos torcedores e das obras analisadas para o presente estudo. A teoria e as análises serão apresentadas posteriormente.

Inicialmente iremos apresentar o percurso histórico do livro, passando pelo manuscrito até o impresso, como se deu suas transformações, o livro no Brasil, mercado editorial brasileiro e como este mercado está voltado para a literatura esportiva.

2 HISTÓRICO E METAMORFOSES DO LIVRO

Acredita-se que o livro tem, no mínimo, uma história de seis mil anos e utilizado os mais diversos suportes, registrando assim sua evolução, conhecimentos e experiências. Porém, até chegar ao formato que conhecemos em nossos dias, o livro passou por transformações no decorrer de sua história. O livro deve a sua existência a uma série de sucessões que permitiram a sua consolidação. Para registrar sua história e difundir seus conhecimentos, vários foram os materiais utilizados como suporte da escrita pelo homem. Os primeiros registros são provenientes das tabuletas de argila, seguindo pelo papiro, pergaminho e codex, chegando ao formato que conhecemos hoje. Cada suporte resulta de um aperfeiçoamento do suporte anterior, modificando assim a relação entre os livros e leitores¹².

Por volta de 1450, o processo de fabricação e divulgação dos livros passou por modificações através da prensa, ocasionando um aumento quantitativo na produção dos livros, devido ao invento de Johannes Gutenberg. Antes da prensa, o processo era totalmente manual, sendo necessário o trabalho de um escriba - que copiava todo o texto a mão - para cada cópia do livro, o que significava uma grande lentidão e um pequeno número de exemplares. A prensa desenvolvida por Gutenberg mudou a história dos livros, pois dinamizou seu processo de fabricação, suprimindo assim a carência de conhecimento na Europa. Através desse feito, a leitura e a escrita deixaram de ser um privilégio exclusivo das elites¹³.

Neste capítulo entendemos a trajetória do livro, ao conhecer um pouco o mercado editorial brasileiro, o que é e como funciona a plataforma Skoob utilizada para selecionar os entrevistados e a relação entre futebol e literatura.

2.1 O livro manuscrito

A história do livro tem início a partir do momento em que o homem, com o intuito de fixar e transmitir seus pensamentos e os conhecimentos adquiridos substitui a linguagem visual pela sonora, trocando as imagens por sons. Os livros

¹² Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

¹³ Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/origem-dos-livros.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

evoluem conforme a escrita evoluiu, sendo uma evolução e aperfeiçoamento dos sistemas anteriores. Segundo Wilson Martins (2002, p. 59), o homem já utilizou na escrita materiais oriundos dos três reinos da natureza como argila, pedras, mármore, metais, madeira, folhas, marfim, osso e pele curtida. As primeiras formas de escrita que conhecemos foram as pictografias, que se trata dos desenhos feitos nas cavernas pré-históricas. Outros sistemas de escrita foram a mnemônica, fonética, ideográfica, cuneiforme, hieróglifos e o alfabeto. Cada sistema respondendo as necessidades totalmente diferentes, tendo intenções distintas para a sua invenção¹⁴.

O primeiro formato do livro tem origem suméria, juntamente com a escrita cuneiforme. Essa escrita é feita através de sinais, que se apresentam em forma de cunha, de onde origina seu nome. A escrita suméria (Figura 1) tem início na Era do Bronze, por volta de 4000 a. C., na Mesopotâmia. Segundo Martins (2002, pp. 43-44), o nome deve-se ao aspecto material, o caniço, utilizado pelo escriba para talhar o tablete de argila fresca que em seguida era cozida ao forno. Assim, criaram-se as tabuletas, com dimensões do tamanho da palma da mão e textos em miniaturas. Para facilitar o fluxo de leitura, essas tabuletas eram organizadas e arquivadas em caixas de madeiras ou couro, seguindo uma sequência e formando assim um “livro” (FISCHER, 2006, pp. 18-19). Os textos mais coerentes e compreensíveis datam aproximadamente de 2600 a.c.

No Egito Antigo, surgiu o papiro (Figura 2), um dos antecessores do livro, mas pouco se sabe a época em que foi transformado em suporte de escrita. Sabe-se que os mais antigos papiros datam de 3.500 anos a. c. Segundo Martins (2002, p. 61), “o mais célebre de todos os produtos vegetais empregados na escrita é o papiro, de tanta importância histórica em si mesmo e pelos textos que conteve”. O exercício da escrita sobre o papiro era executado pelos escribas, que eram os responsáveis pela leitura e fabricação dos textos oficiais e religiosos.

O papiro consiste em um material feito a partir das fibras de uma planta das margens do Rio Nilo. As fibras dessa planta quando unidas em tiras serviam como superfície resistente para a escrita hieroglífica e os rolos com os manuscritos chegavam a 20 metros de comprimento. Segundo Martins (2002, p. 61), a preparação do papiro se dava em dividir a haste do papiro em folhas com pouca espessura. Feito isso, essas folhas eram postas sobre uma mesa umedecia com a

¹⁴ (MARTINS, 2002).

água do Nilo, onde eram coladas as primeiras folhas no comprimento do papiro e em seguida colocava-se na transversal as outras camadas. O passo seguinte era prensar essa trama de fibras para obter uma folha que era posta a secar ao sol. Para retirar as imperfeições, o papiro era polido com um dente ou concha. Por fim, uma nova camada de cola de farinha era passada e o papiro era batido com um malho, com o propósito de torná-lo mais macio.

Figura 1: Tabuleta de argila com escrita suméria.
Fonte: GEO5NET, 2014, online.



Figura 2: Papiro utilizado pelos egípcios como suporte para a escrita.
Fonte: FERREIRA, 2014, online.



O texto era escrito em colunas nas fitas de papiro, que eram coladas umas as outras pelas extremidades. Essas fitas de papiro eram enroladas em um bastonete, conhecido como *Umbilicus*, formando assim os primeiros livros em rolo. Conforme Roger Chartier (1998, p. 14), “o leitor do livro em rolo não pode escrever ao mesmo tempo em que lê, e dificilmente pode comparar diferentes fragmentos do texto que estejam distantes uns dos outros”. A palavra *papyryrus*, em latim, deu origem à palavra papel. Segundo Giovanni Giovannini (1987, p. 36),

comparado com outros materiais usados na vida diária, o papiro constituía uma base leve porém mais consistente, e, portanto, mais fácil de se transportar, razão pela qual não tardou a ultrapassar as fronteiras, alcançando a região do Oriente Médio e suplantando as tábuas de argila, até difundir-se por todo o mundo antigo, após a conquista do Egito de Alexandre, o Grande (332 a. C) (GIOVANNINI, 1987, p. 36).

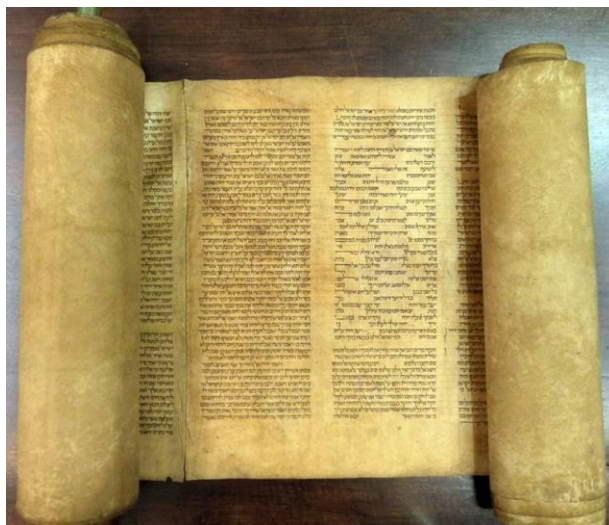
Por volta do século X a. C., o homem viu a necessidade de inventar um material que substituísse o papiro. Foi na colônia de Pérgamo, na Grécia, que surgiram os pergaminhos. Em relação ao papiro, o pergaminho era mais resistente, flexível, durável, caro e exigia um maior aperfeiçoamento para o seu preparo. Sua invenção se deu primeiramente à escassez do papiro e em seguida ao fato de que o

rei de Alexandria, Ptolomeu Epifânio, proibiu a exportação do papiro, assim lucrando sobre os demais povos, obrigando o rei Eumêmio II a criar um novo material para a escrita.

O pergaminho (Figura 3) era um material feito através de pele curtida de animais como carneiro e terneiro, mas para cada livro fabricado era necessário uma enorme quantidade de pele. O pergaminho foi um dos materiais mais empregados na escrita. Segundo Giovannini (1987, p. 53),

as folhas de pergaminho eram de formato retangular e costuradas juntas em rolos semelhantes aos de papiro: escrevia-se em colunas verticais e para lê-las desenrolava-se a tira com a mão direita, segurando a extremidade inicial com a esquerda. Os rolos eram conservados em estojos cilíndricos (GIOVANNINI, 1987, p. 53).

Figura 1: Pergaminho do século XII
Fonte: UOL, 2014, online.



Por ser um material caro, foi nessa época que começaram a utilizar as abreviações no decorrer dos textos e o fenômeno dos palimpsestos¹⁵. O pergaminho, assim como o papiro, era escrito somente de um lado, constituindo o *volumen*. Duas inovações se deram ao fim da Idade Média e originaram o códex que iremos trabalhar adiante: a numeração das páginas e a escrita nas duas faces.

Assim como ocorreu anteriormente, foi da necessidade de evoluir o suporte que surgiu o papel, mais barato e versátil que o pergaminho. Para Martins (2002, p. 111), o papel é o “rival” vitorioso do papiro, e não seu substituto. Os chineses já

¹⁵ Ato de raspar o texto primitivo do manuscrito para utiliza-lo novamente na escrita.

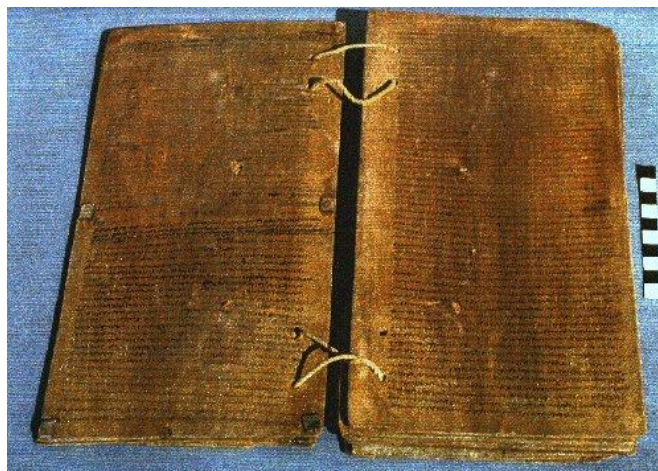
fabricavam livros pelo menos dois séculos antes de Cristo, feito a partir da seda, porém, instigado a criar um suporte leve e portátil, durante o século II d. C., o chinês Eunuco Ts'ai Lun a reinventou o papel, antes elaborado através trapos e tecidos usados, passou a ser feito de material vegetal como cascas de plantas, resíduos de algodão, redes de pescas usadas, criando assim o papel de celulose.

A técnica de fabricação do papel baseava-se no cozimento de fibras da casca interior de certas árvores e arbustos, que eram estendidas por martelos de madeira até se formar uma fina camada de fibras. Após a secagem essas fibras eram misturadas com água em uma caixa de madeira até se transformar numa pasta. Mesmo sendo os chineses que inventaram o papel, os árabes foram responsáveis pela sua difusão e instalação da primeira fábrica de papel na cidade de Játiva, Espanha, em 1150. A importância dessa invenção foi tamanha que, nas palavras de Martins (2002),

a introdução e vulgarização do papel na Europa decidiu dos destinos da nossa civilização porque ele vinha a responder às necessidades que todos sentiam de um material barato, praticamente inesgotável, capaz de substituir com infinitas vantagens o precioso pergaminho. A “democratização” da cultura é, antes de mais nada, o resultado dessa substituição: pode-se dizer que, sem o papel, o humanismo não teria exercido a sua enorme influência. Toda a fisionomia de um mundo estaria, então, completamente mudada (MARTINS, 2002, p. 115).

Foi durante a Idade Média, ou Idade das Trevas, que o livro ganhou a forma que conhecemos hoje em dia. Esse formato era chamado de Codex e foi difundido pelos mosteiros da Europa. O codex (Figura 4), ou códice, era um conjunto de tábuas de madeira em formato retangular, revestidas com cera e unidas por cordas ou anéis. A partir do século IV d. C., com a propagação dos mosteiros por toda a Europa, os monges passaram a ser responsáveis pela cópia e produção dos manuscritos. “A despeito disso, mais do que difundir o saber dos antigos, os monges católicos guardavam esse conhecimento para si” (p. 24) comenta Laignier e Fortes (2009) e cita Giovannini (1987, p. 24) ao dizer que os livros “passaram a ser não mais um instrumento de transmissão do conhecimento, mas um instrumento de dominação das classes hegemônicas”. Para Martins (2002, p. 114), o papel é “a arma mais perigosa, mais potente e de maior alcance já inventada pelo homem”.

Figura 2: Códice
Fonte: BIBLE – TRANSLATION, 2014, online.



2.2 O livro impresso

A invenção da prensa representou, além da difusão do conhecimento, uma mudança social, econômica e religiosa na Europa. Contudo, o uso de caracteres móveis é muito anterior à invenção da imprensa, isso porque a invenção da imprensa tem início, assim como a invenção do papel e a tinta, na China ao final do século 2 a. C¹⁶.

Os chineses utilizavam placas de mármore para entalhar o texto a ser usado como matriz. Algum tempo depois, o mármore foi substituído por blocos de madeira, por ser um material mais fácil de trabalhar. Os tipos móveis chineses surgiram aproximadamente 400 anos antes de Gutenberg, entre 1041 e 1049. O criador, Pi Shêng era um escritor e utilizava argila cozida para fabricar as letras reutilizáveis, agrupadas para formar textos, porém não suportavam tanta pressão para marcar o papel. Não se sabe a razão, mas o invento chinês não progrediu e acabou desaparecendo.

É aí que aparece a figura do ourives Johannes Gutenberg. A prensa criada por Gutenberg é na verdade mais um aperfeiçoamento de processos rudimentares do que uma invenção propriamente dita. Acredita-se que a primeira ideia sobre a prensa lhe ocorreu enquanto observava um anel com que os nobres selavam alguns documentos, imprimindo sobre o lacre quente o brasão da família.

¹⁶ Disponível em:
<http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=3697>. Acesso em: 19 ago. 2014.

Todas as discussões nos conduzem invariavelmente, como se vê, a Gunterberg, que tem a seu favor não somente as premunições históricas, mas ainda a certeza de que, na pior das hipóteses, aperfeiçoou definitivamente processos rudimentares da tipografia que acaso conheceria (MARTINS, 2002, p. 144).

Por volta de 1438, Gutenberg constitui sociedade com Andreas Dritzehn, Hans Riffe e Andreas Heilmann, já tendo construído sua prensa e suas primeiras publicações sendo alguns folhetos religiosos. A morte de um dos três sócios fez com que Gutenberg tivesse problemas na justiça referentes aos direitos da sociedade. Os documentos desse processo são os primeiros registros do invento. Aproximadamente dez anos após esse episódio, o alemão Gutenberg, através do patrocínio de Johann Fust, conseguiu financiar seus estudos. Os primeiros experimentos de Gutenberg eram semelhantes ao trabalho chinês, que consistia em talhar o texto inteiro, página por página, nas placas de madeira. Não sendo possível utilizar as fôrmas para a impressão de outros livros, visto que não poderiam separar os caracteres das planchas, passou então a criar os tipos separadamente, primeiro em madeira, depois em chumbo fundido¹⁷.

Outras invenções mais engenhosas sucederam a esse processo e eles encontraram o meio de fundir as fôrmas de todas as letras do alfabeto latino. A essas fôrmas deram o nome de matrizes, nas quais fundiam os caracteres de bronze ou estanho, que tinham dureza necessária para suportar qualquer pressão (MARTINS, 2002, p. 145).

Após o investimento de Fust e o não pagamento por parte de Gutenberg, fez com que o alemão enfrentasse em 1455 mais uma disputa judicial, chegando à falência e obrigando-se assim, a entregar a Fust sua oficina tipográfica. Mais uma vez na miséria, Gutenberg encontrou o auxílio de Conrado Humery para construir uma nova tipografia, onde trabalhou por pouco tempo. Sua criação modificou o mundo e entre suas contribuições estão: a invenção que possibilitou a produção de livros em massa dinamizando o processo, os tipos móveis, a tinta a óleo, caixa de tipos (alta e baixa) e a prensa de madeira. Sua mais conhecida obra é a chamada “Bíblia de Gutenberg” ou “Bíblia de 42 linhas”, tendo esse nome, pois cada coluna de texto continha 42 linhas em suas páginas.

¹⁷ Disponível em: <http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=3697>. Acesso em: 19 ago. 2014.

Ao inventar o método de compor reaproveitando dos caracteres para produzir páginas diferentes, Gutenberg acelerou o processo de produção dos materiais, modernizando assim a imprensa. Porém, segundo Chartier (1998, p.9), “o escrito copiado a mão sobreviveu por muito tempo à invenção de Gutenberg até o século XVIII, e mesmo o século XIX”, sendo utilizado para a cópia dos textos proibidos. Ao encontro disso, Martins (2002) afirma em seu livro que

o livro impresso não surgiu imediatamente com sua personalidade própria. Ele procurou instintivamente continuar o livro manuscrito, em lugar de substituí-lo, como devia ser, forçosamente, o seu destino: não apenas a imprensa, nos seus primeiros tempos, imita o mais fielmente possível o manuscrito, mas, ainda, reservou-lhe uma parte do seu texto, tentou uma conciliação ou uma convivência possível com o copista manual (MARTINS, 2002, p. 167).

A divulgação da imprensa se deu por volta de 1662, após a invasão e incêndio de Mogúncia, quando muitos impressores abandonaram a cidade. Em apenas 10 anos, esses chamados “impressores ambulantes” difundiram a imprensa por diversos países da Europa. Para Peruzzolo (2006),

com os novos recursos de produção, o manuscrito se vê amplamente suplantado, pois numerosos exemplares, no mesmo formato e enriquecidos com figuras e cores, com o mesmo texto são postos à disposição de muitas pessoas ao mesmo tempo (PERUZZOLO, 2006, p. 241).

Assim como em outros aspectos, a Revolução Industrial, no século XIX, ocasionou diversos avanços nos processos de impressão. Três inovações tecnológicas possibilitaram esses avanços: a criação da máquina rotativa de uso comercial, pelo americano Richard Roc, em 1846; a linotipo, criada por Ottmar Mergentaller, em 1884; e o monotipo produzido por Tolbert Lanston, em 1887. A composição a quente, a partir dos metais fundidos, cede lugar à composição a frio, em seguida as tecnologias fotográficas e eletrônicas, chegando as mais modernas técnicas de fabricação de impressos conhecidas atualmente¹⁸.

2.3 O impresso no Brasil e o mercado editorial

A imprensa no Brasil tem uma história com mais de duzentos anos. Seu nascimento oficial deu-se a partir da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil,

¹⁸ (MACEDO, 2011)

no ano de 1808. Porém, é dado a Antônio Isidoro da Fonseca o título de “patriarca da imprensa brasileira”, pois a primeira iniciativa de instalar uma tipografia em terras brasileiras, no ano de 1747. Essa primeira tentativa fracassou após a notificação da Ordem Régia proibindo qualquer tipo de impressão independente do assunto. Não se tem comprovação da existência de outras tipografias no Brasil¹⁹ até o ano de 1808, com a chegada da Família Real portuguesa²⁰.

No período colonial, os livros entravam no Brasil através dos jesuítas, que eram os responsáveis pelo sistema de ensino, porém em quantidade, assunto e uso restritos. Outra maneira que a população brasileira utilizava para obter os livros vindos da Europa era através do contrabando. Com a necessidade de impor limites e assim assegurar que nenhum tipo de impresso que fosse contra os interesses da Coroa seria publicado, em abril de 1768 foi criado, pelo futuro Marques de Pombal, o Tribunal da Real Mesa Censória, tendo duração até 1787. Esse tribunal tinha por objetivo examinar as obras impressas, aprovar ou reprovar manuscritos, conceber licenças e fiscalizar a comercialização das obras.

No ano de 1792, havia no Rio de Janeiro apenas duas livrarias onde eram oferecidos livros sobre religião e medicina. Possivelmente, ao menos uma dessas livrarias, pertencia ao Paul Martim, o primeiro livreiro carioca. Anterior à chegada do rei Dom João VI, os livros e folhetos eram proibidos no Brasil, pois os colonizadores temiam que esses impressos pudessem influenciar o povo, ao passo que diferente dos países vizinhos, não possuía universidades. O autor Aníbal Bragança nos lembra que “as atividades das “gentes dos livros” foram sempre objeto de regulações pelos poderes, quer o real quer o religioso ou ambos” (BRAGANÇA, 2010, p. 28). Para Nelson Werneck Sodré (2004, p. 16), “as condições da colônia constituíam obstáculo mais poderoso ao advento da imprensa do que os impedimentos oficiais que caracterizavam a atitude portuguesa”.

Esse cenário começou a ser modificado em 1808 com a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil. A instalação da Impressão Régia foi a segunda decisão tomada pelo Príncipe Regente Dom João VI. Após ter conhecimento sobre o material tipográfico trazido de Portugal sob ordens de Antônio Araújo Azevedo, o

¹⁹ Segundo o autor Laurence Hallewell a imprensa já existia na América Latina muito antes de chegar ao Brasil, sendo o 12º país a ter o direito de impressão. A primeira oficina tipográfica da América Latina foi instalada no México, em 1535, seguido por Lima, no Peru (1684), Havana (1707), Jamaica (1718), Barbados (1730), Virgínia (1736), Bogotá (1739), Santiago do Chile (1748), Quito (1760), Nova Orleans (1764), Buenos Aires (1780) e Santo Agostinho (1783).

²⁰ (BRAGANÇA e ABREU, 2010)

Conde da Barca, no dia 13 de maio de 1808 Dom João VI ordenou que o mesmo fosse instalado.

Inicialmente, a função da Impressão Régia era apenas burocrática, publicando papéis do governo como a legislação e outros papéis oficiais. Seu papel foi ampliado rapidamente, passando a imprimir “toda e quaisquer outras obras” (ABREU, 2010, p. 42). A instalação da Impressão Régia no Brasil garantiu uma maior circulação de impressos e abriu caminho para o desenvolvimento e surgimentos de novas tipografias, editoras e livrarias no século XIX. Segundo José Mindlin a “Impressão Régia, nos poucos anos de sua existência. Publicou, além dos papéis legais (que são 720), pelo menos 1.428 folhetos e livros, alguns de grande porte” (MINDLIN apud BRAGANÇA e ABREU, 2010, p. 20).

O primeiro livro produto publicado pela Impressão Régia era um in-fólio ²¹ de 27 páginas intituladas “Relação dos Despachos da Corte”, contendo editais, alvará e resoluções pelo governo. Segundo Wilson Martins (1957),

se a Impressão Régia publicou algumas obras puramente literárias – O Uruguai, de Basílio da Gama, Marília de Dirceu – é inegável que predominam nas suas edições os livros de ciências, de economia política, de direito (MARTINS, 1957, p. 311).

Mais tarde, a Impressão Régia do Rio de Janeiro passou a produzir obras de Belas-Letras, medicina, economia, história, teologia, periódicos e livros didáticos. Porém, a introdução da imprensa nas terras brasileiras não significou sinônimo de liberdade de pensamento, pois não estava permitido a instalação de outras tipografias, assegurando o controle e monopólio da impressão no país. Esse monopólio foi assegurado até o ano de 1811, quando foi concedido a Manuel Antonio da Silva Serva o direito para que instalasse sua tipografia na cidade de Salvador. No Rio de Janeiro, a Impressão Régia continuou sendo a única tipografia com autorização para funcionamento até o ano de 1821.

A partir de 1821, com a abolição da censura prévia e o fim do monopólio pela Impressão Régia,

²¹ É um método de editoração onde a folha impressa é dobrada ao meio, fazendo com que os cadernos tenham quatro páginas, sendo duas de cada lado.

diversificou-se ainda mais o conjunto de editores e possibilidade de impressão. Começaram a surgir diversas tipografias²², como a Nova Tipografia e a de Moreira & Garcez, aberta nesse mesmo ano. Em seguida, em 1822, surgiram outras quatro [...] (ABREU, 2010, p. 65).

No Rio Grande do Sul, o mercado editorial teve início a partir de livreiros, assim como no resto do país e o comércio de livros acontecia nas casas de livreiros e vendedores, tipografias, nas ruas e em casas de negócios. Nas primeiras décadas do século XIX, o mercado editorial gaúcho era restrito, com circulação de livros e número de leitores limitados. Deve-se isso, segundo Torresini (apud BRAGANÇA e ABREU, 2010, p. 236), “às diferenças locais e culturais” causadas pela “distância do centro do Império, onde os meios de produção e circulação da cultura impressa já estavam mais bem definidos”.

Outro fator influente para o escasso mercado editorial no Rio Grande do Sul era o baixo número de habitantes e as reduzidas escolas. Porto Alegre era uma cidade de pequeno porte, com cerca de 25 mil habitantes, sem instituições superiores de ensino e possuindo uma ou duas livrarias. Conforme Torresini (apud BRAGAÇA e ABREU, 2010),

com o aumento da população rio-grandense (1,148 milhões de habitantes, em 1900) e o deslocamento das populações rurais para os centros urbanos, o cenário alterou-se. As cidades tornaram-se cada vez mais os lugares da leitura, da valorização da imprensa e edição de livros, dos gabinetes de leitura e das bibliotecas. (TORRESINI apud BRAGANÇA e ABREU, 2010, p. 236)

Porém, nenhuma dificuldade conseguiu impedir a circulação dos impressos no estado gaúcho, havendo em Porto Alegre, no ano de 1829, dois jornais, onde eram anunciados os serviços do livreiro José Justiniano de Azevedo. Contudo, as atividades editoriais gaúchas nos primórdios estiveram vinculadas ao descumprimento dos direitos reservados aos autores. Segundo Hallewell, essas práticas eram rotineiras e para Moraes,

²² Segundo RIZZINI (1946, 322) tipografias começaram a surgir em outros estados do Brasil: Recife em 1817; Maranhão e Belém do Pará 1821; Minas Gerais em 1822; Ceará, em 1824; Paraíba, em 1826; São Paulo e Rio Grande do Sul, em 1827; Goiás, em 1830; Santa Catarina e Alagoas, em 1831; Rio Grande do Norte, Sergipe e Piauí, em 1832; Espírito Santo e Mato Grosso, em 1840; Paraná, em 1849; e Amazonas, em 1852.

no século XIX foram os belgas os grandes piratas das edições francesas. No Brasil, em fins do século XIX e princípios deste os editores rio-grandenses, protegidos por uma constituição positivista, imprimiam toda sorte de livros sem autorização dos editores legítimos e sem pagar direitos autorais (MORAES, 1975, pp. 112-13).

No início da atividade editorial no estado, devido ao fato de não existirem locais exclusivos para a venda, era incomum que termos livrarias e editoras fossem utilizados. Ainda assim, no ano 1879 o jornal Gazeta de Porto Alegre estampava um anúncio onde era comunicado a existência da Loja de Livros de Gundlach onde eram vendidos livros escolares e obras literárias. No mesmo ano houve a criação da Casa de Editores Ter Bruggen, depois Livraria Teuto Brasileira. Algum tempo depois apareceram as livrarias Americana (Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande) e Universal (Pelotas e Porto Alegre). Durante o século XX as livrarias Gundlach, Americana e Universal mantiveram suas atividades e “tiveram um papel destacado na difusão da prática de leitura e formação de estoques de livros para as escolas e os cursos superiores” (TORRESINI apud BRAGANÇA e ABREU, 2010, p. 246).

Nesse universo, em 1883 foi fundada a editora pioneira do estado e a que mais teria projeção nacional e internacional, a Livraria do Globo. A Livraria do Globo, de L.P. Barcellos & Cia teve como fundador um imigrante português chamado Laudelino Pinheiro Barcellos, que se mudando para Porto Alegre, inicia um empreendimento para a venda de livros e artigos de papelaria. Sete anos após a fundação, foi admitido como funcionário o futuro sócio da empresa, José Bertaso que, após a morte de Barcellos em 1918, viria se tornar o único proprietário da Livraria o Globo. A partir de 1909, a Livraria o Globo apresentava-se como uma das empresas mais completas do país no setor gráfico com a compra da primeira linotipo, a primeira do estado, e em 1916 realiza seu primeiro empreendimento como casa editora, o Almanaque do Globo, publicando em seguida autores locais. Além da sede em Porto Alegre, existiam filiais da Livraria o Globo nas cidades de Pelotas, Santa Maria e Rio Grande; também existiam depósitos em São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Fortaleza e Belém do Pará. Em 1943 foram abertas filiais em São Paulo e Rio de Janeiro.

Devido ao surgimento de novas importantes casas livreiras ao longo do século XX como Livraria Selbach, Livraria do Comércio e Livraria Central o mercado livreiro rio-grandense firma-se perante o mercado nacional. Em 16 de novembro de 1955 inicia-se a Feira do Livro de Porto Alegre, com o lema “se o povo não vem à livraria,

vamos levar a livraria ao povo”. Atualmente temos a L&PM, Mercado Aberto e a Sulina como editoras gaúchas que continuam tendo projeção nacional. Porém é difícil determinar quantas editoras existem no Rio Grande do Sul em virtude de alguns fatores como editoras sem registro, venda direta ao leitor ou impressão de livros pelo próprio autor. Na tentativa de divulgar os trabalhos de grandes e pequenas editoras, profissionais ou caseiras, foram criadas algumas ações como concursos literários, premiações patrocinadas e associações sem fins lucrativos²³.

Atualmente o Brasil ocupa a nona posição dos maiores mercados editoriais do mundo e o maior da América Latina. Existe no Brasil, em média, 500 editoras no mercado, entre elas nacionais, internacionais e de capital misto, de pequeno, médio e grande porte. Segundo o relatório de 2014²⁴ da Câmara Brasileira do Livro (CBL), houve um aumento de 3,04% no faturamento das editoras brasileiras (que atualmente gira em torno de 4,98 milhões de reais), aumento de 6,36% no faturamento das vendas para o mercado e queda de 5,20% nas vendas para o governo. Segundo o mesmo relatório, houve uma queda de 7,36% nas vendas dos livros, um aumento de 1,89 na produção de novo títulos e aumento de 3,43% na produção de novos exemplares. Um dos fatores que influencia nessa redução das vendas é o caminho logístico e comercial do livro até o leitor, causado por ineficiências que prejudicam a todos envolvidos.

Segundo dados da última pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*²⁵, divulgada em março de 2012, existem no Brasil 88,2 milhões de leitores. Foram considerados leitores aqueles que leram ao menos um livro nos últimos três meses, inteiro ou em parte, com idade superior a cinco anos. Conforme a pesquisa, 57% dos leitores são do sexo feminino, 55% leem para atualizar a cultura, 78% perderam o interesse pela leitura e a revista predomina entre os tipos de leitura. Ainda segundo a pesquisa, 65% dos entrevistados indicam que o tema do livro influencia na escolha, 45% apontam os professores como maior influencia na leitura e 43% afirmaram terem sido influenciados pelas mães.

Sobre a região sul, a pesquisa mostra que existem 11,3 milhões de leitores e uma média de 1,68 de livros por trimestre, sendo 0,72 livros escolares e 0,96 de

²³ Como exemplo dessas associações no Rio Grande do Sul temos o Clube dos Editores do Rio Grande do Sul, criado em 2003, e a Câmara Rio-grandense do Livro (CRL), criada em 1955 como um braço da Câmara Brasileira do Livro.

²⁴ Disponível em: <<http://www.cbl.org.br/upload/Relatorio2014.pdf>>. Acesso em: jul. 2014.

²⁵ Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/2834_10.pdf>. Acesso em: jul. 2014.

iniciativa própria. Também foi informado nesta pesquisa que a região sul tem acesso aos livros através de compras (56%), emprestado de particulares (27%), emprestado por bibliotecas escolares (35%), presenteados (26%), pelo governo (9%), bibliotecas públicas e privadas (16%), internet (8%) e Xerox (4%).

2.4 Literatura esportiva

O futebol, mesmo sendo essa grande paixão nacional e o esporte mais popular no Brasil, pouco tem espaço na literatura brasileira. É fato que não existem grandes obras sobre o tema. Quando abordado em livros, geralmente tomam forma de biografias, enciclopédias, perfis, crônicas, almanaques, guias, álbuns ilustrados, resumo de partidas e histórias dos clubes ou campeonatos. No campo acadêmico também são poucos os estudos.

André Mendes Capraro, professor de mestrado e doutorado em História e integrante do grupo de estudos de Futebol e Sociologia da UFPR, lista três razões que considera as principais pelas quais o futebol não tem espaço na literatura: baixo número de leitores no Brasil, preconceito histórico com o futebol e o conservadorismo literário. Segundo Capraro (ano), por ler pouco, o brasileiro dá preferência a textos curtos e dinâmicos como a crônica.

Como diria Flávio Carneiro, autor do livro *Passe de Letra* (2009, p. 29), “há mais afinidades entre futebol e literatura do que sonha nossa vã filosofia”. Alguns autores como João do Rio, Coelho Neto e Lima Barreto, instigados e inspirados, aventuraram-se a escrever, para o bem e para o mal, sobre futebol em crônicas na década de 1910. Esse entusiasmo continuou apenas entre os cronistas e apenas a partir de 1927 conquistou a poucos romancistas como Alcântara Machado, José Lins do Rego e Michel Laub. Para Luis Fernando Veríssimo, “proporcionalmente à importância do futebol em nossas vidas e ao espaço que ele tem na nossa imprensa, há pouquíssimos livros (e filmes) sobre futebol no Brasil. E o mais inexplicável é que não faltam escritores que adoram futebol²⁶”.

Essa relação entre futebol e literatura começou a mudar, o torcedor não quer apenas assistir aos jogos, quer também debater e se informar sobre o seu clube e o

²⁶ Trecho extraído do site do jornal Folha de São Paulo, publicado em 01/04/2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/04/1431550-copa-gera-onde-de-livros-de-futebol-conheca-revelacoes-e-classicos.shtml>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

que está acontecendo no mundo futebolístico, indo muito além do que acontece dentro das quatro linhas. Com a realização da Copa do Mundo 2014 no Brasil, houve uma enxurrada de livros lançados sobre o assunto. Claro, como já foi dito no início deste capítulo, muito em forma de almanaques, biografias e álbuns ilustrados.

O fato é que a Copa do Mundo impulsionou de maneira significativa às vendas dos títulos com temática sobre futebol, chegando ao número de 300 novas publicações²⁷ sobre futebol. A editora Panda Books é uma das pioneiras a investir nesse ramo do mercado editorial, contando em seu catálogo com 49 títulos²⁸ especificamente sobre futebol. Outra editora que tem apostado nesse campo é a Contexto²⁹, responsável pela coleção intitulada *Os onze maiores do futebol brasileiro* (2009) e *O futebol explica o Brasil: Uma história de maior expressão popular do país* (2009). Esse aumento no número de publicações é enfatizado pela jornalista e escritora esportiva Clara Albuquerque em entrevista ao Yahoo!: “nunca vimos tantos lançamentos de livros sobre futebol no país. Faço coleção de livros de futebol. Atualmente tenho perto de 200 títulos, e senti essa diferença de forma brusca” e completa dizendo que “infelizmente, o Brasil ainda é um país onde se lê muito pouco, mas acho que o futebol é um assunto que pode atrair novos leitores”³⁰.

Apesar desse bom número de vendas e títulos, na Europa diferentemente do que acontece no Brasil, sempre se vendeu (e escreveu) mais livros a respeito do futebol. Para Hilário Franco Júnior – autor do livro *A dança dos Deuses* (2007), que faz uma relação entre a evolução no futebol e as transformações da sociedade – “há países que gostam de futebol e pensam o futebol, como a Inglaterra. Há os que não gostam tanto de futebol, mas que pensam bem o futebol, caso da França. O Brasil é um país que gosta de futebol, mas pensa mal, ou pouco pensa, esse esporte”³¹.

²⁷ Dados da Câmara Brasileira da Livro (CBL), retirados do Yahoo. Disponível em: <<https://br.tv.yahoo.com/noticias/futebol-literatura-entram-campo-bienal-livro-175403139.html>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

²⁸ Dados de 2013.

²⁹ Dados de 2010.

³⁰ <https://br.tv.yahoo.com/noticias/futebol-literatura-entram-campo-bienal-livro-175403139.html>

³¹ Trecho extraído do site do jornal Folha de São Paulo, publicado em 01/04/2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/04/1431550-copa-gera-onde-de-livros-de-futebol-conheca-revelacoes-e-classicos.shtml>>. Acesso em: jul. de 2014.

3 O GRÊMIO

Grêmio: segundo o dicionário é uma comunidade ou corporação cujos membros se sujeitam ao mesmo regulamento; sociedade, agremiação (cultural, esportiva, etc.). Para os torcedores gremistas, Grêmio é um clube de futebol ao qual dedicam sentimentos, honram suas cores, são devotos e adoradores.

A origem do futebol brasileiro está ligada ao inglês Charles Miller. Filho de britânicos, nascido em São Paulo, com nove anos viajou para a Inglaterra com o propósito de estudar. Ao retornar ao Brasil em 1894, trouxe consigo a primeira bola de futebol a rolar em campos brasileiros e um conjunto de regras. O primeiro jogo de futebol no Brasil foi no dia 15 de abril de 1895, entre funcionários de empresas inglesas no estado de São Paulo.

Os clubes mais antigos do país que ainda existem nos dias atuais são o São Paulo Athletic Club, fundado pelo próprio Charles Miller em 1894, que após fechar o futebol por um determinado tempo no início do século XX, volta à prática do esporte mais tarde. Em 1900 surge a Associação Atlética Ponte Preta, fundada quase um mês após o Sport Club Rio Grande, clube mais antigo em atividade, criado em 19/07/1900. Nos três anos consecutivos foram fundados o Outubro- Salvador da Bahia, o Fluminense Foot Ball Club do Rio de Janeiro e o Grêmio Foot- Ball Porto-alegrense do Rio Grande do Sul. No estado gaúcho, o futebol tem seus primeiros momentos no final do século XIX. Os primeiros equipamentos futebolísticos surgiram na cidade de Rio Grande e cidades fronteiriças com o Uruguai, existindo boatos de que antes de 1900 o esporte já era praticado nas cidades de Livramento e Uruguaiana³².

Com duas equipes, no dia 7 de setembro de 1903, o clube Rio Grande faz um jogo de demonstração em Porto Alegre, jogando pela primeira vez. Uma semana após o jogo, nasce no dia 15 de setembro, um dos clubes mais antigos da capital gaúcha, o Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense.

Neste capítulo iremos tratar da história do Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense, apresentar as obras utilizadas para análise deste trabalho e de que maneira a plataforma Skoob foi utilizada para a realização da pesquisa com os leitores-torcedores das obras selecionadas.

³² Disponível em: <http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_fut_rgsul.html>. Acesso em: 10 ago. 2014.

3.1 Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense – Uma história de 111 anos

A história do Grêmio se inicia em 7 de setembro de 1903 e através de uma bola (BUENO, 2005, p.23). Neste dia, atletas do Sport Clube Rio Grande (o clube de futebol mais antigo do Brasil) foram à cidade de Porto Alegre para uma demonstração sobre o esporte. Para assistir ao primeiro jogo da cidade de Porto Alegre, em um campo improvisado na antiga Várzea (atual Parque da Redenção), o público compareceu em peso e vibrava a cada jogada. É na metade do jogo que a história do Grêmio começa. Quando a bola murchou e todos pensavam que o espetáculo tinha terminado, surge a figura de Cândido Dias da Silva. Este paulista, de Sorocaba do sul, ofereceu sua bola para que a partida pudesse ter fim e após o término do jogo, junto com seus amigos, confraternizaram com os jogadores, aproveitando para obter detalhes do esporte e informações para fundar um clube.

Após uma semana, animados com os ensinamentos, ao entardecer do dia 15 de setembro de 1903, em um restaurante situado no centro da capital gaúcha, 31 jovens³³ se reuniram para escrever a ata de fundação, tendo a seguinte redação:

Aos quinze dias de setembro de mil novecentos e três, reuniram-se no Salão Grau situado à Rua 15 de Novembro, nesta capital, os abaixo assinados³⁴ a fim de tratarem da fundação de uma sociedade, que tivesse por fim dedicar-se ao jogo de foot-ball. Presidiu a sessão o Sr. Francisco França Júnior servindo de secretário. À sociedade foi dado o nome de Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. A fim de redigirem os estatutos foi nomeada a comissão composta dos Srs. Pedro Haeffner, Guilherme Uhrig e Álvaro Brochado (GRÊMIO.NET, online).

Nesta reunião fora composta a primeira diretoria, sendo Carlos Luiz Bohrer eleito o primeiro presidente do então fundado Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense, iniciando assim a história vencedora do clube, que alcançaria uma projeção gigantesca. Nos meses seguintes foram escolhidos sede gremista, cores do time³⁵, uniforme, símbolo da agremiação e a bandeira.

³³ No dia 20 de fevereiro de 1904, em sessão da Assembléia Geral, Pedro da Costa Huch foi adicionado como fundador, devido aos serviços prestados ao Grêmio.

³⁴ Assinaram o documento como fundadores do clube: Francisco França Júnior, Carlos Luiz Bohrer, Joaquim F. Ribeiro, Alberto Luís Siebel, Guilherme Uhrig, Álvaro Brochado, Cândido Dias da Silva, Guilherme Kallfelz, Alberto Knewitz, João Stelczyk, João Knewitz, Otto Müssnich, Arthur Bohrer, José Müssnich, Pedro Schuck, Frederico Panitz, Pedro Haeffner, Otto Neu, Manfredo Orenge, José Maria Kalleya, Paulo Haeffner, Pedro Cléres, Augusto Bugs, Carlos Fädrieh, João Geski, Oswaldo Siebel, Leopoldo Siebel, Ernesto Gerlach, Frederico Strelau, Jacob Molther, Oscar Obst.

³⁵ O primeiro uniforme do Grêmio tinha as cores azul e havana (cor marrom clara, de tonalidade próxima ao tabaco de Havana), mas pela escassez deste tecido no mercado de Porto Alegre, viram-se obrigados a trocar a cor havana pelo preto. Em julho de 1904, foi criado o segundo uniforme, que consistia em uma camiseta metade preto e metade azul, de gola fina e sem bolso.

Horas antes da fundação do Grêmio, também havia sido criado aquele que seria o seu primeiro adversário, o Fuss-Ball Club Porto Alegre. O primeiro jogo entre as duas equipes da capital gaúcha aconteceu no domingo do dia 6 de março de 1904, saindo o Grêmio vencedor pelo placar de 1x0. Por não haver outro clube na cidade, o Fuss-Ball ³⁶foi o único adversário do Grêmio até o ano de 1909. Neste período, ocorreram 14 jogos entre as equipes, com 9 vitórias e 3 derrotas para o Grêmio. Em 23 de maio de 1909, o Grêmio estreia contra um clube de fora de Porto Alegre, o Sport Club Rio Grande, sendo derrotado por este com o placar de 2x1 para o visitante.

Após realizar jogos e treinos em diferentes lugares da capital, tais como na várzea de Gravataí, várzea da Redenção, matos da Cascata, Gruta da Glória, Morro da Polícia e no Bairro Floresta³⁷, a diretoria concluiu que era necessário encontrar um lugar definitivo. O primeiro estádio gremista foi a Baixada, localizado no bairro Moinhos de Vento, onde atualmente é o Parque Moinhos de Vento, também chamado de Parcão, conhecido na década de 1910 por ser um bairro da burguesia imigrante germânica³⁸. Com empréstimo junto ao banco alemão Brasilianische Bank Fur Deutschland, o Grêmio conseguiu comprar o terreno da Família Mostardeiro, dando início ao Fortim da Baixada, que seria a casa tricolor por 50 anos. Em 18 de julho de 1909, a Baixada foi palco do jogo que se tornaria um dos maiores clássicos do Brasil, primeiro Gre-Nal ³⁹da história, vencido pelo Grêmio com o placar de 10x0 sobre a equipe do Sport Clube Internacional. A Baixada também foi responsável pela

³⁶ Após vencer os jogos nos anos de 1904, 1905 e 1906 contra o Fuss-Ball, o Grêmio conquistou o Troféu Wanderpreis, o primeiro ganho pelo clube.

³⁷ Conferir em COIN, Rita de Cássia. Análise do discurso do texto de Emídio Odósio Perondi alusivo aos 100 anos do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Novembro de 2005. 61 páginas. Monografia – Centro Universitário Feevale.

³⁸ No início o Grêmio era formado principalmente por imigrantes alemães, diferente das equipes do sudeste, fortemente influenciadas pela cultura inglesa. Conferir em FONTANA, Vinícius Henrique. MITOLOGIAS NO JORNALISMO ESPORTIVO: O mito da “imortalidade” gremista. 2011. 93 páginas. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁹ Inicialmente o clássico não era chamado de Gre-Nal. Inspirado pelo Fla-Flu, clássico carioca entre Flamengo e Fluminense, o jornalista Ivo dos Santos Martins resolveu criar uma sigla para a dupla da capital gaúcha.

“Inicialmente, Martins propôs Inter-Gre, mas, como bom gremista, não queria colocar o Internacional na frente. Decidiu-se, então, por Grenal. Escreveu a palavra várias vezes na mesa de mármore do café e pediu aos amigos que ajudassem a divulgá-la. Não publicou a nova expressão no Correio por temer que um secretário de redação colorado a proibisse. Mas ele e os amigos saíram pelas ruas a chamar o clássico de Grenal. Aos poucos, a população foi usando o termo. Até que um dia, em 1933, quando Martins já abandonara o jornalismo, viu a palavra Grenal impressa na página de esporte do Correio do Povo. Pronto, tornara-se oficial.”

Disponível em:

<<http://wp.clicrbs.com.br/davidcoimbra/category/historia-dos-grenais/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 07 set. 2014.

consagração de três nomes da história tricolor: Eurico Lara, Luiz Carvalho e Oswaldo Rolla (mais conhecido como Foguinho).

Foi com a figura do presidente Saturnino Vanzelotti, entre os anos de 1948 e 1954, que o Grêmio passou por mudanças, deixando de ser um time amador e transformando-se em um clube profissional. Foi nesse período que o Tricolor reconquistou a hegemonia no futebol regional, fez sua primeira excursão internacional, foi o primeiro clube fora do Rio a ganhar no Maracanã e o primeiro a ganhar de um clube paulista. Foi nessa fase também que o Grêmio obteve sua primeira sede própria e oficial, adquirida em 1951, no 5º andar do Edifício Brasília, no centro de Porto Alegre, onde funcionou a parte administrativa do clube por quase duas décadas.

O sonho de um novo estádio teve início na década de 1940, se tornando completo em 1980. As construções do novo estádio iniciaram em 24 de abril de 1953 e às 15 horas do dia 19 de setembro de 1954 o Estádio Olímpico era inaugurado, considerado o maior estádio particular do Brasil na época e projetado para a prática de todos os esportes olímpicos. Nessa data, o Grêmio venceu por 2x0 a equipe uruguaia do Club Nacional de Football. Em meados da década de 1970, com uma campanha de mobilização por parte dos torcedores, com liderança do então presidente Hélio Dourado, foi arrecadado o capital necessário para a conclusão do anel superior do estádio. As obras tiveram duração de quatro anos e a reinauguração ocorreu no dia 21 de julho de 1980, com o nome de Estádio Olímpico Monumental, sendo mais uma vez o clube com o melhor estádio do país. Em meio a isso, o Grêmio seguiu conquistando títulos como Sul-Brasileiro e Copa Rio de La Plata. A mudança para o novo estádio significava uma renovação dentro do Grêmio, elevando o clube a um novo patamar. Uma das mais relevantes mudanças no clube foi o fato de contratar o jogador Osmar Fortes Barcellos, o Tesourinha, em 1952, que dava fim a fama de clube intolerante a negros⁴⁰.

Após a reinauguração do Estádio Olímpico Monumental, estava na hora de ganhar o Brasil, a América e o mundo. Um dos ciclos mais importantes da história tricolor iniciou com a conquista do campeonato brasileiro de 1981 e em 1983 consagrando-se campeão da Libertadores da América, sobre o Peñarol do Uruguai e

⁴⁰ Segundo o site oficial do Grêmio, Tesourinha não foi o primeiro negro a vestir o uniforme gremista, mas sim o atleta negro que obteve maior destaque entre os profissionais daquele ano. Antes dele jogaram no Grêmio os atletas Antunes (1913/1914); Adão (1926/1935); Laxixa (1937/1940); Mario Carioca, Hélio, Prego (anos 40) e Hermes (1948/ 1950).

campeão Mundial em cima dos alemães da equipe do Hamburgo. Finalmente a Terra era azul. Para fechar a década de ouro, o Grêmio venceu seu segundo hexacampeonato gaúcho (1985- 1990), a primeira Copa do Brasil (1989) e o Supercampeonato brasileiro (1990).

A década de 1990 inicia de maneira avessa aos interesses do time. O ano de 1991 tem um gosto amargo para os gremistas, pois foi o ano em que o clube foi rebaixado para a segunda divisão, mesmo terminando o ano como vice-campeão invicto pela Copa do Brasil. Em 1993, o clube volta a disputar o campeonato brasileiro na primeira divisão, vencendo nesse mesmo ano o Campeonato Gaúcho. Já em 1994, sob o comando de Luis Felipe Scolari, o Grêmio conquista pela segunda vez a Copa do Brasil. No ano seguinte, conquista pela segunda vez a Libertadores da América. Em 1996, o tricolor gaúcho ganha o bicampeonato brasileiro e a Recopa Sul-Americana. Em 22 de maio de 1997, o Grêmio vence a terceira Copa do Brasil. Para encerrar essa década e o século, em 1999 o Grêmio conquista a primeira Copa Sul e o Gauchão.

A virada do século novamente tem dois lados para o Grêmio. O clube inicia os anos 2000 sendo Campeão Gaúcho e tetracampeão da Copa do Brasil no ano de 2001. Em 2002 terminou o Campeonato Brasileiro em terceiro lugar, garantindo vaga para a Libertadores da América do ano seguinte, mas acabou sendo eliminado da competição. O ano de 2003 marcou o centenário do Grêmio, porém o clube não conquistou nenhum título, dando início ao que Bueno (2005) chamou de “maldição dos cem anos”. Neste mesmo ano, o Grêmio enfrentou uma grave crise financeira, devido à quebra da multinacional ISL, então parceira financeira do clube. Esta crise chegou aos gramados e em 2004 levou o clube ao seu segundo rebaixamento na história.

O ano de 2005 ficou marcado na memória tricolor a partir da histórica “Batalha dos Aflitos⁴¹”. Na tarde do sábado de 26 de novembro, o Grêmio realizou mais uma façanha, ao superar as dificuldades da partida e conquistar a série B do Campeonato Brasileiro com apenas sete jogadores em campo. De volta à elite do Brasileirão, o Grêmio foi campeão gaúcho em 2006, 2007 e 2010 e vice- campeão da Libertadores da América em 2007.

⁴¹ Batalha dos Aflitos é referência ao estádio onde ocorreu a partida entre Grêmio e Náutico, o Estádio Eládio de Barros Carvalho, popularmente Estádio dos Aflitos, em Recife.

Uma nova era teve início com a volta do clube a série A do campeonato brasileiro. Uma nova casa marcaria a história tricolor. Esse novo sonho tem seu pontapé inicial de um plano para revitalizar o antigo Estádio Olímpico, no ano de 2006. Em 2008 um terreno no Bairro Humaitá, as margens da BR-290 Freeway, é escolhido como o local onde se localizará a nova casa tricolor, a Arena do Grêmio. Ainda em 2008, o projeto é aprovado pela Câmara dos Vereadores de Porto Alegre. Em outubro de 2009 a área é demarcada e as construções tem início marcado para setembro do ano seguinte, após a liberação da prefeitura. No dia 8 de dezembro de 2012 o Grêmio inaugurou a sua Arena, sua nova casa, com uma grande festa, sendo um dos maiores e mais modernos estádios da América Latina.

Como podemos verificar, o Grêmio contribuiu de forma significativa com a história do futebol no Brasil e em especial no Rio Grande do Sul, atraindo admiradores do esporte, conquistando torcedores apaixonados. Em vários momentos o Grêmio foi precursor e o grande responsável por feitos inéditos para o estado, colocando o futebol gaúcho em destaque. Para Eduardo Bueno (2005),

[...] a trajetória do Grêmio imita a vida: é repleta de altos, mas tem seus baixos, acumula sucessos e enfrenta reveses, está cheia de vitórias consagradoras que incluem honrosas derrotas. Sim, amigos, de vez em quando o Grêmio perde. A questão é que (quase) sempre vende caro as eventuais derrotas (BUENO, 2005, p. 200).

A partir deste capítulo podemos acompanhar a evolução histórica do Grêmio e suas conquistas, entendendo os motivos que levaram a determinados acontecimentos. Após o episódio da “Batalha dos Aflitos” o termo “Imortal Tricolor” ganha uma conotação diferente do que aparece no hino criado por Lupicínio Rodrigues, como iremos ver no capítulo 6.

3.2 Grêmio e livros

Conforme dito anteriormente no capítulo 3, existem poucas obras brasileiras voltadas para a temática do futebol, porém a maioria das que existem abrangem almanaques, crônicas e álbuns ilustrados.

Para a realização deste trabalho, procuramos fazer um levantamento das obras voltadas ao futebol, com ênfase nas obras que abordam assuntos referentes aos Grêmio. Constatamos que o cenário gaúcho segue essa tendência, destinando

pouco espaço para um esporte que no estado é representado por duas equipes campeãs mundiais. Nesta pesquisa feita através da internet, identificamos 33 livros que tratam a temática associada de alguma maneira ao Grêmio. Entre as obras encontradas apenas uma é considerada ficção. Trata-se da obra *O Segundo Tempo*, do autor Michel Laub. A história se passa em meio ao *Gre-Nal do século* (1935), onde o irmão mais velho vive o dilema de dar ou não ao irmão mais novo uma notícia que irá mudar suas vidas. No livro, o futebol não é o foco, mas um elemento entrelaçado na história dos meninos, sendo o fio-condutor da história.

Dos 33 livros encontrados na pesquisa realizada, 23 diferentes autores aventuraram-se a escrever sobre futebol e 22 editoras apostaram nesse mercado pouco explorado, tais como a L&PM, Ediouro, Globo, Buenas Ideias, Artes e Ofícios, Arquipélago e a Panda Books, sendo esta última uma das editoras que mais tem investido em livros voltados para o futebol. Entre as editoras responsáveis pelas obras pesquisadas, as que mais publicaram foram a L&PM, Buenas Idéias, Leitura e BesouroBox. A partir das obras, constatamos que o autor que mais escreveu, talvez por ser historiador, foi Eduardo Bueno, também conhecido como Peninha. Dos 33 livros, Peninha foi o responsável pela concepção de 5 títulos, sendo sua última obra o livro *Grêmio 110 anos – da Baixada à Arena* (2013), uma edição de luxo, que conta com quatro versões.

Os livros relacionados ao Grêmio que encontramos dedicam-se a contar a história do clube, suas conquistas, seus atletas de maior destaque, partidas históricas, seus estádios e curiosidades interessantes que merecem atenção. Os livros destinam-se a diferentes idades, existindo livros especialmente para as crianças, contando de maneira simples a grandiosa história do Grêmio, como o livro *O Imortal Tricolor em quadrinhos* (2010), escrito por Zivaldo.

De mesmo modo, ficou constatado através da pesquisa que, 7 dos 33 livros pertencem a coleções que envolvem outros clubes brasileiros, como a coleção *Ídolos Imortais* (composta por 12 livros com o título “Os 10 mais”), *O time do meu coração* (10 livros), *Em quadrinhos* (6 livros), *Meu time do coração* (12 livros), *Impedimento* (2 livros), *Coleção Camisa 13* (12 livros) e *O dia em que me tornei ...* (8 livros). Encontramos também um livro *Vade Mecum*, da área do direito, com uma sobre capa do Grêmio, sendo um produto licenciado pelo clube.

Identificamos também que as publicações ocorrem com mais vigor no ano de 2009, com oito livros impressos, em 2008 e 2012 com quatro publicações em cada

ano e 2010 com três livros divulgados. Em 2014, até o presente momento, apenas duas obras foram publicadas. Curiosamente, o ano após a volta para a elite do campeonato brasileiro e o feito na “Batalha dos Aflitos”, apenas o livro de Luis Zini Pires intitulado *71 segundos: O jogo de uma vida* foi publicado. Por outro lado, o ano de 2009 que marcou o centenário dos Gre-Nais, como apresentado anteriormente, foi quando mais se publicou livros sobre o clube. Além disso, observamos que as obras tornaram-se frequentes a partir do ano 2000, que a obra mais antiga é do ano 1967 denominada “Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense – passado e presente de um grande clube”, de Edilson Pires e a mais recente “Coligay – tricolor e de todas as cores”, de Léo Gerchmann.

Desta maneira, percebemos que se escreve pouco sobre o futebol do estado, em especial sobre o Grêmio, seguindo a tendência nacional, pois somando as publicações de 2012, 2013 e 2014 supera em apenas um título o número de publicações do ano de 2009. Acreditamos que, como fatores para a falta de publicações nos últimos anos, podemos apontar o fato do clube não ter conquistado títulos recentemente, poucas datas comemorativas e acontecimentos que mereçam ser publicados.

Para a análise da propagação do mito através dos livros, iremos examinar os livros Grêmio: Nada pode ser maior (2005) e *71 segundos: O jogo de uma vida* (2006). O primeiro título foi lançado em 2005 e foi escrito pelo historiador, jornalista e gremista Eduardo Bueno. No livro, é abordada a história do clube, títulos e ídolos. Já o segundo, lançado em 2006 do autor Luiz Zini Pires, conta os acontecimentos a respeito da inesquecível tarde de 26 de novembro de 2005, do jogo conhecido como “A batalha dos Aflitos”.

3.3 Skoob

Criada em 2009 por Viviane Londello e Lindenberg Moreira, o Skoob é uma rede social brasileira dedicada aos livros e aos leitores. É uma das chamadas Redes Sociais Segmentadas (RSS) ou redes de nicho, que como característica principal, tem o enfoque temático e vem se destacando em um espaço que tem como

similares as plataformas internacionais Goodreads⁴², aNobii⁴³, Shelfari⁴⁴ e a extinta O livreiro.

Como afirma seus fundadores no site, a plataforma tem um cunho colaborativo, pois é através dos usuários que a rede social é construída. São por meio das relações entre usuários, livros e editoras, das classificações e cadastramento dos livros, autores, grupos e fóruns de discussão que o Skoob se desenvolve. Os usuários podem criar grupos, registrar páginas de autores e cadastrar livros, informando dados técnicos como ISBN, número de páginas, edição, editora, ano de publicação, etc.

Intitulado “a maior comunidade de leitores do Brasil”, o Skoob possibilita que através de sua plataforma os usuários, ou skoobers, compartilhem e gerenciem suas leituras, experiências e opiniões sobre os livros, além de facilitar o relacionamento entre os leitores, aproximado às pessoas que tem interesse pelos mesmos livros. Difere-se das demais plataformas, pois possui funcionalidades direcionadas para os livros, autores e editoras. Seus usuários podem registrar os livros com as etiquetas “lido”, “lendo”, “vou ler”, “relendo” e “abandonou”, e outras possibilidades como marcar os livros “desejados”, “favoritos”, “tenho”, “emprestados”, “troco” e “meta da leitura”.

Um dos recursos mais interessantes disponíveis pelo site é a “meta de leitura”, que acompanhada pelo “paginômetro⁴⁵”, serve de estímulo para o usuário, fazendo com que ele seja comprometido com as suas leituras. Há também a possibilidade do usuário acompanhar o seu ritmo de leitura através de um gráfico em linha, que informa o quanto você já cumpriu da sua meta e o quanto falta para termina-la. Além disso, essas ferramentas acabam funcionando como motivador dos novos leitores. Outro fator interessante dessa rede social é o fato que se o *skoober* desejar existe a opção de publicar em outras redes sociais como Facebook e Twitter as resenhas, sugestões de leitura, as leituras já realizar, etc.

O Skoob revela dados⁴⁶ interessantes, demonstrando o tamanho e a força que possui, pois desde o ano em que foi criado, em 2009, o número de usuários cresce a

⁴² Disponível em: <<http://www.goodreads.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

⁴³ Disponível em: <<http://www.anobii.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.shelfari.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

⁴⁵ Paginômetro é um medidor de páginas lidas pelo usuário. Este se localiza no canto superior direito da página do usuário, bem destacado. Este número cresce conforme o skoober cadastra os livros como “lido”.

⁴⁶ Dados disponíveis em: <<http://www.skoob.com.br/midiakit/>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

cada dia, consolidando cada vez mais a rede social. Possui em média 142.000 visitantes únicos por dia, 380.671 livros cadastrados, 11.813 autores e 2 milhões de livros disponíveis para troca. Entre os usuários, 61% são mulheres, 31% da faixa etária está entre 18 e 24 anos, 63% estão cursando ou já terminaram a faculdade e 4% dos usuários são do Rio Grande do Sul. A rede social também possui parcerias atualmente com 27 editoras⁴⁷, que oferecem cortesias, dão informações e divulgam seus lançamentos aos usuários.

Para este trabalho, a plataforma Skoob foi utilizada como meio para encontrar e selecionar os usuários para participar das entrevistas, realizadas para compreender de que maneira os leitores percebem como o mito do Imortal Tricolor é propagado nas obras. Entendemos que o Skoob, por ser a maior rede social com foco temático nos livros e leituras, poderia nos indicar aqueles leitores-torcedores que mais poderiam contribuir com a pesquisa.

⁴⁷ São elas: Sextante, Harlequin, Companhia das Letras, Nova Fronteira, Saída de Emergência, Globo Livros, Suma de Letras, Fundamento, Farol Literário, Novo Conceito, Planeta, Arqueiro, DVS Editora, Galera, Gutenberg, Benvirá, iD Editora, Escarlata, Bertrand Brasil, Geração, Leya, Jardim dos Livros, Paralela, Rocco, Intrínseca, Tordesilhas e Valentina.

4 MITO, IMAGINÁRIO E TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO

A palavra imaginário, no campo das ciências humanas, possui um significado diferente do imaginário utilizado na linguagem coloquial. Muitos autores especializaram-se nesse assunto, tais como Gilbert Durand, Michel Maffesoli, Cornelius Castoriadis, Edgar Morin, Gaston Bachelard, Carl Gustav Jung e Juremir Machado da Silva. O imaginário, explica-nos Juremir Machado da Silva (2006, p. 9), no livro *As tecnologias do imaginário*, “não é um mero álbum de fotografias mentais nem um museu da memória individual ou social. Tampouco se restringe ao exercício artístico da imaginação sobre o mundo”, mas sim “uma rede etérea e movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente”. De acordo com Maffesoli (2001, p. 80), “partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma idéia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não-racional”, pois a ideia de fazer parte de algo é o que determina o imaginário.

É importante lembrar que os estudos sobre o mito possuem duas linhas. Ressaltamos que para a construção deste capítulo seguiremos apenas uma dessas linhas, portanto não utilizaremos Roland Barthes, pois este acredita que o mito é um sistema semiológico segundo, diferente de Gilbert Durand, aqui utilizado, que não segue essa linha. Durand não acredita no mito pelo viés da semiótica nem que esse mito venha em segundo plano, depois do signo, como se o mito fosse menos importante ou viesse depois dos significados reais.

Este capítulo se propõe a fazer uma discussão teórica das noções sobre o imaginário, as tecnologias do imaginário e mito, para que, assim, possamos compreender o mito do “Imortal Tricolor”. Para tratarmos de imaginário, utilizamos os preceitos de Gilbert Durand, Michel Maffesoli e Juremir Machado da Silva. Para falarmos em tecnologias do imaginário, nos apoiamos nas palavras de Juremir Machado da Silva. Para abordagens do mito, contamos com as contribuições de autores como Mailena Chaui, Carl Gustav Jung, Everardo Rocha, Edgar Morin e Juremir Machado da Silva.

4.1 Imaginário

É preciso, antes de tudo, ter em mente que imaginário não é sinônimo de delírio, ilusão, mentira, irreal. O imaginário é real, ele existe, mesmo que na mente

das pessoas, no inconsciente coletivo, como diria Jung. O imaginário é uma percepção coletiva. Antigamente, para autores como Aristóteles e Sartre, o que não poderia ser comprovado cientificamente não tinha mérito de ser analisado, estudado. A imagem e o imaginário ficaram por muito tempo na “periferia” do conhecimento, pois eram julgados como irreal, sendo apenas “a razão” o único acesso à verdade. Foram autores como Durand, Maffesoli e Carl Jung que passaram a alegar que não é porque não podemos comprovar a existência de algo que ele deixa de existir, que ele não é real. Durand (2010) nos mostra que aos poucos essa concepção de que o imaginário é irreal começou a ser modificada, afirmando que

ao contrário de Kant, e graças à linguagem imaginária do mito, Platão admite uma via de acesso para as verdades indemonstráveis: a existência da alma, o além, a morte, os mistérios do amor (DURAND, 2010, pp. 16-17)

Completa tal argumentação afirmando que, onde a razão não consegue ingressar, é que a “imagem mítica fala diretamente à alma” (DURAND, 2010, p. 17). Segundo Durand (2010, p. 35), foi a partir de movimentos como o romantismo, simbolismo e surrealismo que se realizou gradativamente, uma “reavaliação positiva do sonho, do onírico, até mesmo da alucinação”, resultando na

descoberta do inconsciente”. O autor complementa afirmando que “o psiquismo humano não funciona apenas à luz da percepção imediata e de um encadeamento racional de ideias mas, também, na penumbra ou na noite de um inconsciente, revelando, aqui e ali, as imagens irracionais do sonho, da neurose ou da criação poética (DURAND, 2010, pp. 35-36).

Gilbert Durand (2010, p. 40) nos apresenta as “estruturas do imaginário” por meio das quais “todo imaginário humana articula-se por meio de estruturas plurais e irreduzíveis”. De acordo com o autor, essas estruturas limitam-se a três classes que “gravitam ao redor dos processos matriciais do separar (heroico), incluir (místico) e dramatizar (disseminador), ou pela distribuição das imagens de uma narrativa ao longo do tempo”. Durand (2010, p. 41) ainda afirma que “todo pensamento humano é uma re-presentação” e que “o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana”.

Para Maffesoli (2001, p. 74), “o imaginário é uma realidade”, possuindo “algo de imponderável”, pois “é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável”. Maffesoli

(2001, p. 76) também assevera que só existe imaginário coletivo, pois este “é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo”. Sendo assim, o imaginário de cada um corresponde ao imaginário daquele grupo em que se está inserido. O autor complementa afirmando que “o imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”.

Para Durand (apud MAFFESOLI, 2001, p. 80), o imaginário “é a relação entre as intimações objetivas e a subjetividade”. Essas intimações objetivas se caracterizam por serem os limites impostos a cada ser pelas sociedades. Sendo assim, o imaginário é definido pela ideia de fazer parte de algo ou alguma coisa. Na visão de Maffesoli (2001, p. 15),

o imaginário, mesmo que seja difícil defini-lo, apresenta, claro, um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não-racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas.

Outro autor que se dispôs a estudar o imaginário já foi citado aqui anteriormente. De acordo com Silva (2006, p. 7) “todo imaginário é real. Todo real é imaginário”. Acredita que

o imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal. Diferente do imaginado –, a projeção irreal do que poderá se tornar real –, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor (SILVA, 2006, pp. 11-12).

Como motor, Silva (2006, p. 12) descreve o imaginário como “um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos” e complementa dizendo que o imaginário “funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas”. O imaginário fornece impulsos para a ação, pois é fonte racional e não racional para esses impulsos. Silva (2006, p. 13) explica-nos que a composição do imaginário individual se dá em três passos: identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si). Já o imaginário social constrói-se através

do contágio, igualmente em três passos: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte).

De acordo com Silva (2006, p. 57), o imaginário trata-se de uma “memória afetiva somada a um capital cultural”, pois ele “surge da relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros”. Nota que “o imaginário é uma série de camadas simbólicas que recobrem um ponto de partida, uma aura que se superpõe por camadas sucessivas ao objetivo original” e arremata dizendo que “o imaginário é positividade puro” (SILVA, 2010, p. 38). Para descobrir o verdadeiro objetivo, o contexto original, é preciso cobrir para depois desencobrir. Silva (2010, pp. 14-39) destaca três fases desse processo: estranhamento (o pesquisador precisa sair de si mesmo e tentar ver com a “lente” do outro), entranhamento (o pesquisador deve colocar-se no lugar do outro, tentar ver com seus olhos, compreender os sentimentos desse outro e explicar suas razões) e desentranhamento (sair do outro, voltar a si e narrar o vivido do outro).

O imaginário, como já foi dito, serve como motor, impulsionando a realização da realidade, indivíduos e grupos. Ele faz com que o real se transforme em algo “fantástico e mais desejável ou temível” (SILVA, 2010, p. 67). Sendo assim,

o mundo simbólico está cada vez mais exposto às tecnologias do imaginário: publicidade, cinema, televisão, literatura. De toda maneira, o imaginário é um reservatório afetivo de imagens, de onde cada um retira o combustível para as suas motivações, e um motor (SILVA, 2010, p. 67).

O imaginário faz com que tenhamos uma nova visão de alguma coisa que a familiaridade não nos permitia ver antes. É pelo imaginário que o indivíduo se constrói. O imaginário é constituído por sentidos, emoções, sentimentos e valores, faz com que o indivíduo se reconheça no outro e construa sua cultura. É importante ressaltar que o imaginário não é sinônimo de cultura, crença ou ideologia. Ele é aquilo que move multidões, que impulsiona o ser. A seguir, entendemos de que maneira essas tecnologias derivam desse imaginário tanto quanto o nutrem.

4.1.1 As tecnologias do imaginário

Já sabemos que o imaginário pode ser entendido como uma narrativa, trama, ponto de vista, que o homem é impulsionado por forçar imaginários, que o homem só

existe no imaginário, que se vive no imaginário e não de imaginário. Sabemos também que imaginário não é sinônimo de ilusão. De acordo com Silva, “os imaginários difundem-se por meio de tecnologias próprias” (SILVA, 2006, p. 8). A essas tecnologias damos o nome de tecnologias do imaginário.

Na visão de Silva (2006),

as tecnologias do imaginário são dispositivos (Foucault) de intervenções, formatação, interferência e construção das “bacias semânticas” que determinarão a complexidade (Morin) dos “trajetos antropológicos” de indivíduos ou grupos. Assim, as tecnologias do imaginário estabelecem “laço social” (Maffesoli) e impõem-se como o principal mecanismo de produção simbólica da “sociedade do espetáculo” (Debord) (SILVA, 2006, pp. 20-21).

Sendo assim, essas tecnologias agem como mecanismos para produzir “mitos, visões de mundo e estilos de vida” (SILVA, 2006, p. 22), tomando o lugar das tecnologias de controle, fazendo uso da sedução, desligando-se da razão e fazendo com que os indivíduos imergem no lúdico e no emocional, pois “o homem sempre se entrega a algo: mitos, religião, política, tecnologia, paixão, loucura, etc” (SILVA, 2006, p. 30), pois precisamos crer em alguma coisa, como “mito nutritivo” (SILVA, 2006, p. 45). Neste sentido, as tecnologias do imaginário, para Silva (2006, p. 47),

são dispositivos de cristalização de um patrimônio afetivo, imaginético, simbólico, individual ou grupal, mobilizador desses indivíduos ou grupos. Dão significados e impulso, a partir do não-racional, a práticas que se apresentam também racionalmente. Tornam real o sonhado. Sonham o real.

As tecnologias do imaginário valorizam o agora, a emoção o passional, o lúdico e assim estimulam o extraordinário, enriquecendo o viver. São também instrumentos de mitificação e fabulação, que colaboram para disseminar alternativas criativas através de choques perceptivos. Silva (2006, p. 69) explica-nos que as tecnologias do imaginário podem se apresentar de três formas: “ora se apresentam como meio (rádio, televisão) ora como procedimentos, técnicas ou disciplinas (publicidade) ou, finalmente, como formas de expressão (literatura) e complemente afirmando que “a mídia (informação, arte e entretenimento) reúne todas as características das tecnologias do imaginário” (SILVA, 2006, p. 69).

O livro, suporte que será objeto de análise deste trabalho, é uma tecnologia do imaginário, que quando somado a outros dispositivos como cinema, rádio, televisão, influencias de pessoas próximas, compõe o imaginário de cada indivíduo. De acordo com Silva (2006, p. 97).

o livro continua a ser uma tecnologia de interação imaginal (orgânica) híbrida, no sentido quase puro, não mediado em tempo real por uma máquina, embora fruto de uma impressão maquinica. Assim como a internet o livro promove a interação virtual. Mas cabe insistir: a interação gerada pelo livro diferencia-se da interação virtual estimulada pela internet pelo fato de que esta última é o resultado de uma mediação tecnológica em tempo real.

Silva (2006, p. 97) ainda complementa explanando que no imaginal híbrido essa “interatividade ocorre diretamente no imaginário, na consciência, na mente, na alma, no espírito, “linkando” pontos do inconsciente individual com o inconsciente coletivo”. Por fim, é importante ressaltar que tanto a razão (intelecto) quanto o sensível (paixão, amor, coração, lúdico, afetivo, onírico, fantasias, não-racional) fazem uso das tecnologias do imaginário.

4.2 Mito

De acordo com a autora Mailena Chaui, em *Convite a Filosofia* (2002), a palavra mito “vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, enunciar, nomear, designar)” (CHAUI, 2002, p. 32). Um mito é composto pela realidade cultural que pode ser interpretada por diversas perspectivas, sendo assim complementares.

Carl Gustav Jung foi o psicanalista pioneiro na compreensão a respeito do mito, através da noção de arquétipo. Para o autor (1964, p. 69), arquétipos se caracterizam por serem estruturas psíquicas que compõem as camadas mais profundas do inconsciente coletivo, de onde surgem representações através de imagens, sonhos e fantasias. Essas representações são originadas/ adquiridas por meio da consciência, e não transmitidos.

O mito é tido muitas vezes como algo cuja existência é duvidosa, por não ser comprovada, que não se tem absoluta certeza, que não necessita de verdade. É uma forma de entender a realidade sem se fazer necessário a lógica científica, conferindo sentidos ao fantástico, aos sonhos, ao impreciso e ao imprevisto. No entendimento de Everardo Rocha (1999, p. 7),

o mito pode ser efetivo e, portanto, verdadeiro como estímulo forte para conduzir tanto o pensamento quanto o comportamento do ser humano ao lidar com realidades existenciais importantes.

O mito tem, como objetivo central, facilitar que o indivíduo tenha um melhor entendimento do mundo, unificando o pensamento e o comportamento dos sujeitos. Ele não surge do nada, no vazio, mas de condições históricas, sociais, culturais e políticas, contribuindo para a formação da identidade de um povo. Para que acontecimentos históricos se transformem em mitos, é necessário que eles assumam uma determinada carga simbólica. É necessário que essa carga simbólica seja importante e referente a uma determinada cultura. Para Humberto Ivan Keske e Vinicius Moser (2013, p. 2),

atualmente, o surgimento do mito está interligado a uma cultura massiva que, de alguma forma, o produz, o coloca em circulação e o recebe, dando-lhe sustentação, até o momento de ser (re) interpretado novamente e retornar ao ciclo das releituras históricas e sociais.

Desta maneira, o mito é concebido através do compartilhamento coletivo e está ligado ao imaginário dessa cultura de massa que o mitifica. Como dito anteriormente, o mito não nasce do vazio, nem da crença, nem da fé. O mito surge do cotidiano, do vivido, da relação dos sujeitos com o mundo, composto de valores, desejos inconscientes e elementos íntimos de cada um. Segundo Silva (2010, p. 58), os mitos se constroem através de um “real que se torna hiper-real, mais real do que um real, feito de uma verdade redimensionada pelo imaginário sem necessidade de mentira”. É através de uma reprodução virótica desse hiper-real, que confere força e adesão ao mito, que o conteúdo estimula os sentimentos das pessoas.

O universo imaginário mítico é resultante da interação dos indivíduos e seus grupos, e como consequência dessa interação o imaginário desses grupos são recheados com representações idealizadas. Os grupos passam a acreditar nessas representações que produzem, agindo como se fossem naturais. Na opinião de Morin (1989, p. 82), “qualquer participação afetiva é um emaranhado de projeções e

identificação” e complementa dizendo que “esses processos de projeção são intimamente associados a processos que nos identificam com mais ou menos intensidade, com mais ou menos espontaneidade”. Sendo assim, o sujeito busca fazer parte de grupos onde os indivíduos partilham de uma mesma percepção de mundo. Ainda segundo Morin (1989, p. 26), o mito se caracteriza por ser “um conjunto de condutas e situações imaginárias”. Neste viés, Silva (2006, p. 64) argumenta que

vale ainda uma aproximação do conceito de imaginário: os mitos que se tem na cabeça (relendo Durand); os mitos que se tem no inconsciente (interpretando Lacan); os mitos que se tem no espírito/mente (lendo Morin); as mitologias que se tem no aparelho psico-afetivo (distorcendo Maffesoli).

O mito no futebol se concretiza, pois é um evento das massas. Esse tipo de evento necessita da existência dos mitos, ídolos, heróis e grandes partidas, para assim consolidar sua identidade e fortalecer a relação dos torcedores com determinado acontecimento. Morin (1989, p. 65) explica-nos que existem alguns suportes míticos para a identificação tais como autógrafos e fotografias. No futebol os suportes míticos de identificação seriam o símbolo do clube, suas cores, o hino, os cânticos das torcidas e a história do clube. O mito por si só, confunde-se não apenas com a história do clube, mas com a história do próprio futebol.

5 PROPAGAÇÃO DO MITO DO IMORTAL TRICOLOR

O mito se naturaliza para então se propagar. As imagens que constituem esse mito conservam-se na memória dos torcedores. Mesmo aqueles que não presenciaram os fatos, têm essas imagens na cabeça, pois conhecem a história, leram livros e assistiram filmes. Essa geração é criada e formada por essas histórias e mesmo sem testemunhar os acontecimentos, nutrem esse mito através das experiências passadas. O mito é consolidado pela memória, principalmente pela memória coletiva. É também construído através de uma carga de aspectos históricos e sua propagação se dá através da repetição. São os torcedores que transformam uma memória em história.

Este capítulo tem como objetivo apresentar, através das entrevistas e análise dos livros, nossas compreensões e descobertas referentes ao mito do Imortal Tricolor. Procuramos aqui compreender como os livros propagam o mito, de que forma o Grêmio é apresentado e como os leitores-torcedores entrevistados percebem isso através das leituras das obras analisadas. Para o entendimento do percurso histórico do imortal tricolor, nossa base é o trabalho de Vinícius Henrique Fontana (2011).

5.1 As origens do termo “Imortal tricolor”

De acordo com Fontana (2011), é difícil afirmar com exatidão quando surgiu pela primeira vez o termo “Imortal Tricolor”, pois não existem registros históricos que confirme suas origens. Vários são os acontecimentos que nos conduzem por uma história repleta de “imortalidade”, de episódios que evocam esse espírito ao longo da trajetória do Grêmio.

Para compreender o uso do termo “Imortal Tricolor”, utilizamos como ponto de partida a lenda que cerca a importante figura de Eurico Lara, considerado o maior goleiro gremista. A história nos conta que em 22 de setembro de 1935 ocorreu o jogo denominado “Gre-Nal Farroupilha”, em comemoração ao centenário da Guerra dos Farrapos, onde o Grêmio venceu o Internacional e conquistou o troféu. Lara, tuberculoso e cardíaco, contrariando ordens médicas entrou em campo, jogou apenas o primeiro tempo da partida e mesmo doente fez uma de suas maiores atuações. O goleiro, após as comemorações, foi levado ao hospital onde faleceu no

dia 6 de novembro, quase dois meses após o clássico. A lenda que versa sobre Lara é a que o jogador viria a falecer após balbuciar a palavra “imortal”. É o único jogador que aparece na letra do hino⁴⁸. Outro acontecimento que remete a imortalidade gremista ocorreu em 13 de agosto de 1944, quando o Grêmio venceu outro clássico com 4 gols em 45 minutos.

Temos como alusão histórica mais concreta ao mito do “Imortal Tricolor” o atual hino⁴⁹ do clube, criado pelo gaúcho e gremista Lupicínio Rodrigues em 1953. A letra do hino faz duas menções à imortalidade nos versos que dizem “tens imortal tricolor” e “Lara o craque imortal”, servindo como ponta pé inicial para a propagação do termo “Imortal Tricolor” entre os torcedores, pois os dois hinos anteriores⁵⁰ não fazem menção alguma ao termo imortalidade. Na visão do clube, a ideia do “Imortal Tricolor” surge em 1994, com o técnico Luís Felipe Scollari, quando o clube reencontrou o caminho das vitórias, saindo naquele ano campeão da Copa do Brasil, reconquistando assim a confiança dos torcedores após começar a década de 1990 de maneira conturbada. Segundo o site oficial do Grêmio,

o estilo de Felipão era o espelho perfeito da identidade do Grêmio, e com um time formado sem estrelas, mas com jogadores que queriam provar seu valor, o Grêmio voltou a assombrar o país. Ali começava a se consagrar o mito do Imortal Tricolor, a identidade de um time que nunca se entrega e é capaz de feitos inacreditáveis, pela força de seu coração. (GRÊMIO.NET, online).

Apesar de a imortalidade estar entranhada no Grêmio dos anos 1980/90, um time com jogos milagrosos e gols salvadores feitos nos últimos minutos, o grande momento que simboliza essa imortalidade gremista é a “Batalha dos Aflitos”, jogo contra o Náutico ocorrido em 26 de novembro de 2005.

Segundo Vinícius Fontana (2011, p. 54), a noção do termo “Imortal Tricolor” difere conforme os anos, times e circunstâncias. O Grêmio de 1983 é associado, durante a Libertadores da América, a palavras como “raça”. Já a equipe campeã do mundo nesse mesmo ano é relacionada com palavras como “raça”, “dedicação”, “valentia”, “espírito de luta inigualável”, “mágico”, “imprevisível” e “talentoso”. Durante a década de 1990, eram usadas palavras como “heróis”, “raça”, “força”, “garra”, “batalha”, “inacreditável”, “superação” e “copeiro” para descrever o time, algo muito

⁴⁸ Trecho do atual hino onde Lara é mencionado: “Lara o craque imortal, soube seu nome elevar. Hoje com o mesmo ideal, nós saberemos te honrar”.

⁴⁹ O Grêmio, ao longo de sua história, teve três hinos. O primeiro hino foi criado em 1924, por Isolino Leal.

⁵⁰ Em anexo.

próximo como atualmente. A partir da “Batalha dos Aflitos” a imortalidade gremista, para além da relação histórica, agora está ligada ao mítico, ao discurso religioso, às crenças. Novas expressões passaram a definir o Grêmio como “heróis”, “garra”, “peleador”, “alma castelhana”, “inacreditável” e “imortalidade”. Esta, segundo Fontana (2001, p. 56), “é o álibi para a esperança desmedida e irracional”.

O mito do “Imortal Tricolor” é acentuado conforme a situação do time, o drama da partida, o contexto do jogo. Quanto maior a dificuldade, mais o lado mítico do Grêmio se evidencia. Esse poder de vencer os obstáculos. Se antes dos jogos o mito é evocado com um aspecto de esperança para a torcida, após o jogo ele possui uma conotação de grandiosidade, superação e garra que potencializa a façanha realizada pelo time, reforçando o mito. O Grêmio, a partir do momento em que associou essa imortalidade ao clube, construiu um imaginário coletivo, principalmente formado por torcedores, de que nunca se entrega, de que apesar das dificuldades é possível realizar feitos inacreditáveis, extraordinários, dignos da grandeza do clube.

5.2 O mito no livro

Para a realização deste trabalho, optamos por analisar duas obras *Grêmio – nada por ser maior* (2005) de Eduardo Bueno e *71 segundos: O jogo de uma vida* (2006) de Luiz Zini Pires. A escolha por essas obras, como justificado anteriormente, se deu pelo fato de que retratam momentos diferentes do clube. No primeiro livro é contada toda a história do clube, desde sua fundação em 15 de setembro de 1903 até o ano de 2005, sem retratar a trajetória do clube durante a série B do campeonato brasileiro de 2005⁵¹. A segunda obra reproduz apenas a última partida, popularmente conhecida como “A Batalha dos Aflitos”, na qual o Grêmio precisava vencer o Náutico para voltar à primeira divisão do campeonato brasileiro em 2005.

O livro *Grêmio: Nada pode ser maior* (Figura 5) descreve e exalta de maneira humorada a história do Grêmio. O autor do livro, Eduardo Bueno – também conhecido como Peninha, é jornalista, historiador e gremista. Ele procura a todo o momento engrandecer fatos ocorridos na trajetória do clube, exalta acontecimentos, jogos e jogadores, faz uso de metáforas e busca aproximar o futebol do clube à vida

⁵¹ O episódio da “Batalha dos Aflitos” é pouco mencionado no livro pois o campeonato estava em andamento e o livro fora lançado antes.

real, ao cotidiano. Para Bueno (2005, p. 11), a vida é “um campo embarrado cheio de buracos”, bem como os campos de futebol em dia de chuva.

Figura 3: Capa do livro Grêmio: Nada pode ser maior.
Fonte: Ediouro, 2014, online.



Logo de início, Eduardo Bueno (2005, pp. 11-12) critica o chamado “futebol-arte”⁵², o que, nas palavras do autor, “é coisa de veado” e enaltece o “futebol-força”, que para o autor é “o verdadeiro futebol”. Bueno (2005, p. 14) defende que o futebol praticado pelo Grêmio é o futebol-força, diferente dos times do resto do Brasil, pois para ele “o Grêmio não é um time brasileiro. O Grêmio é um time cisplatino, com ascendência germânica, fibra inglesa e sangue nas veias”. Bueno (2005) caracteriza e associa constantemente o futebol e a imagem do Grêmio ao futebol uruguaio, alemão e inglês, pois o clube possui determinadas características apresentadas pelo futebol desses países, tais como garra, fibra, determinação e disciplina. Descreve o Grêmio da seguinte forma:

Grêmio com chuva, lama e alma castelhana. Grêmio do primeiro jogo com neve na história do Brasil. Grêmio dos 44 e meio do segundo tempo. Grêmio cobrando tiro de meta como se fosse pênalti decisivo. Grêmio jogando com o regulamento debaixo do braço e o coração pulsando debaixo do distintivo. Grêmio perna-de-pau, bola na rede. Grêmio 0 x 0 com chuva: faixa no peito e taça no armário. Grêmio chegando junto – de preferência na bola, mas se tiver que ser canela, faz parte do jogo, meu chapa. Grêmio do Prata, medalha de ouro. Grêmio em farrapos, nunca em frangalhos. Grêmio farroupilha enfrentando os imperiais. Grêmio altivo e imperial. Grêmio

⁵² Futebol que valoriza os dribles, gols bonitos, jogadas espetaculares e belos passes. O futebol-arte é aquele futebol gingado, criativo e bonito. É o contrário do futebol-força, que é caracterizado por ser violento, pegado, futebol que busca o resultado.

libertador. Grêmio guasca, gaudério e changador. Grêmio mosqueteiro – um por todo e todos por um. Grêmio amarrando os cavalos no obelisco. Grêmio hepta, Grêmio tetra da Copa do Brasil, Grêmio bi do Brasileiro e da Libertadores. O Grêmio é tri! (BUENO, 2005, p. 17).

Podemos ver, através da declaração anterior, que o autor procurou evidenciar algumas circunstâncias pelas quais o Grêmio passou, elevar os contratemplos e destacar algumas conquistas do clube. Neste trecho, o autor deixa claro que o Grêmio está “acostumado” a ganhar no final dos jogos, jogando com garra, determinação, vontade de vencer, sempre buscando o resultado, a classificação, a vitória. Em outra passagem do livro, Bueno compara o Grêmio à ave Fênix, nos levando a entender que por mais que o time perca partidas e campeonatos, por mais que passe por adversidades, o clube é algo maior e sempre acaba se reerguendo, que nunca se deixa abater. Podemos assim, considerar isso como uma característica da imortalidade do Grêmio, pois nos leva a crer que o time sempre busca vencer, que procura a vitória ou reverter resultados negativos.

A primeira demonstração desse espírito guerreiro do time é narrada ao longo das páginas 64 e 65 do livro, onde o autor reproduz a partida contra a seleção do Uruguai, disputada em setembro de 1916, considerada a primeira virada gremista, que ganhou a partida pelo placar de 2 x 1. No trecho a seguir, temos uma amostra desse sentimento de inconformidade perante a derrota que é associada ao termo imortalidade, referente ao Grêmio.

O primeiro tento da partida obteve-o o adversário, aos 11 minutos, através de Castilla, depois de um corner atirado pelo extrema Allen. O saldo negativo do início da partida não arrefeceu os ânimos dos jogadores gremistas, que redobram seus esforços para estabelecer a primeira grande ‘virada’ (BUENO, 2005, p. 65).

Outro acontecimento na história gremista que é retratado no livro e considerado como um dos momentos mais carregados de imortalidade ocorreu em 1935, no jogo conhecido por “GreNal Farroupilha”. Na ocasião o Grêmio, após algumas partidas, precisava ganhar do seu rival Sport Club Internacional, pois “um simples empate bastaria aos alvi-rubros, que foram a campo confiantes” (BUENO, 2005, p. 78). O Grêmio venceu a partida e conquistou o campeonato aos 40 minutos do segundo tempo após uma cobrança de falta. Em outro fragmento do livro, Bueno (2005) transcreve depoimentos de jogadores comandados por Foguinho, entre os anos de 1955 e 1961. A partir de alguns desses depoimentos, podemos perceber que

inconformidade perante a derrota e a luta sempre foram marcas registradas do Grêmio, como por exemplo, no relato do jogador Juarez:

A gente era derrotado às vezes, mas vendia caro a derrota. A gente brigava até o último minuto em busca da vitória. Ele dizia assim: ninguém vai jogar bem sempre, agora a luta tem que ser constante. A vontade de vencer é indispensável. Isso o jogador tem que ter sempre (BUENO, 2005, p. 117).

O autor narra no livro as partidas mais importantes na história do Grêmio com detalhes minuciosos, principalmente as partidas com maior carga simbólica, onde o time precisava superar obstáculos para assegurar a vitória e conseqüentemente ser campeão, demonstrando a determinação e persistência dos jogadores. Bueno considera a final da conquista da Copa do Brasil de 1997 como a partida em que o Grêmio reafirmou sua identidade. Após perder o primeiro tempo da partida pelo placar de 2 x 1, o Grêmio fez um gol no final da segunda etapa, vencendo a Copa do Brasil com um empate.

Consideramos o 10º capítulo do livro, intitulado “*O Brasil, a América e o Mundo*”, o mais importante, pois nele o autor procurou enfatizar os títulos mais significativos na história do clube, como Campeonato Brasileiro de 1981, a Libertadores da América de 1983 e o Mundial de Interclubes de 1983. Neste ponto do livro, Bueno (2005) reproduz as partidas mais épicas até o Mundial, como por exemplo, a “Batalha de La Plata”. Inicia o capítulo referindo-se aos dois campeonatos disputados antes de ingressar ao campeonato brasileiro em 1971, bem como deixa claro seu descontentamento com a arbitragem brasileira e seus erros.

Quando descreve o percurso percorrido pelo Grêmio no ano de 1981, novamente procura enaltecer os atletas e técnicos que passaram pelo clube, tanto que ao listar os jogadores, conclui o parágrafo escrevendo: “para mim é o que basta” (BUENO, 2005, p. 177). O autor faz uso mais uma vez de episódios onde o clube precisava ultrapassar algumas barreiras para dignificar a conquista, como no trecho a seguir, onde Bueno minimiza o retrospecto do campeonato para valorizar a vitória e o título:

Depois de uma campanha apenas razoável – beirando o medíocre, para tornar a conquista mais típica e saborosa –, o Grêmio precisava vencer sete jogos para chegar à final. Era hora de reacender o velho espírito da inconformidade e o tricolor foi derrubando, um a um, seus obstáculos. Na fase decisiva, restaram dois paulistas, que felizmente não eram de Sorocaba (Ponte Preta e São Paulo), o Botafogo e o Grêmio. Ou seja, uma barbada (BUENO, 2005, p, 177).

Após vencer a Ponte Preta, o Grêmio enfrentaria o São Paulo na final, que segundo o autor, “chegou a final certo que venceria o Grêmio, um “time menor”, pois tinha sete jogadores na seleção brasiliense e se julgava invencível no Morumbi” (BUENO, 2005, p. 178). Na primeira partida válida pela final do Campeonato Brasileiro de 1981 “uma vitória dramática no Olímpico, 2 x 1 de virada, com show e dois gols de Paulo Isidoro”, Baltazar, então jogador do Grêmio, após errar a cobrança de pênalti e ao final do primeiro tempo disse “Deus deve estar reservando algo melhor para mim”. Esse mesmo jogador viria a marcar o gol do primeiro título nacional conquistado pelo Grêmio.

Em outro segmento do capítulo, Bueno (2005) nos apresenta de maneira meticulosa o ano de 1983 e o trajeto do Grêmio na Libertadores da América. Após expor os resultados iniciais dos primeiros jogos, foca no jogo em que o vencedor disputaria a final da Libertadores. Para descrever a partida, faz uso de um vocabulário utilizado na descrição de uma guerra, como nos fragmentos:

O confronto seguinte, marcado para a gélida noite de 8 de julho, em terras argentinas, teve contornos de guerra aberta e foi recheado de fatores extracampo. Tudo começou na tarde daquele mesmo dia, quando um avião inglês pousou para abastecer na base aérea de Canoas, a capital do mundo de Felipão. Argentina e Inglaterra, que normalmente já não vão muito com a cara uma da outra (mas quem é que vai com a cara da Argentina?), estavam em guerra pelas ilhas Falklands (que há quem chame de Malvinas). Julgando que o Grêmio fosse um time brasiliense, os argentinos decidiram considerar o jogo entre Estudiantes e Grêmio como uma luta pela honra e pela vida – como se, normalmente, jogar em La Plata já não fosse filme de terror (BUENO, 2005, p. 184).

Na descrição deste episódio, Bueno (2005) altera trechos onde ora relata a violência extrema, ora exalta os lances realizados na partida.

O fato é que, além de bom de pau, o Grêmio é bom de bola. Mesmo com 10 jogadores em campo, o Estudiantes saíra na frente aos 38 do primeiro tempo, mas o Grêmio empatou aos 44, com um golaço de Osvaldo, e o adversário ficou com 9 em seguida. No começo do segundo tempo, mais dois celerados foram expulsos (saíram se debatendo em camisas-de-força, dizem) e o Grêmio marcou dois gols: César, aos 7, e Renato, aos 18 minutos. Assim, apesar dos dois graus negativos e da violência insana do adversário, o tricolor venceu por 3 x 1 e a vaga para a final parecia assegurada (BUENO, 2005, p. 185).

Complementa esclarecendo que após outras ameaças, o Grêmio permitiu o empate, mas em uma combinação de resultados, passou para a final da Libertadores da América. A respeito da final, classifica a partida como a “confirmação de um destino glorioso”, pois “até Renato fazer milagre, tudo parecia sobre controle do Penharol” (BUENO, 2005, pp. 188-189).

Bueno (2005) também destaca, no último capítulo do livro, jogos válidos pelo Gauchão de 1989, o primeiro rebaixamento em 1991, Libertadores de 1995 e o Brasileirão de 1996. Considera o jogo contra o Glória de Vacaria um dos mais emblemáticos da história do Grêmio, isto porque, caso perdesse a partida cairia para a série B do campeonato gaúcho de 1989. Para o autor, a vitória sobre o Vacaria foi “épica”, visto que precisou superar suas dificuldades técnicas para assim ser pentacampeão estadual. Referindo-se ao primeiro rebaixamento da história do Grêmio, vê essa situação desfavorável como algo bom, pois de acordo com o autor, “qual a graça de chegar ao topo se você não conhece o fundo do poço?”, visto que, “para outra equipe qualquer, seria um fiasco inominável. Para o Grêmio foi um aprendizado – e o passaporte para glórias futuras” (BUENO, 2005, pp. 203- 204).

Para tratar da segunda Copa do Brasil conquistada pelo Grêmio, descreve o time modesto como “aguerrido”, “competitivo” e “inconformado”, é “um time com a cara” do Felipão, então técnico do Grêmio (BUENO, 2005, p. 206). Em disputa pela Libertadores de 1995, o Grêmio mais uma vez teve que buscar forçar, enfrentar dificuldades e superar o adversário para passar para próxima fase. Em partida de 180 minutos contra o Palmeiras, o Grêmio venceu o primeiro jogo pelo placar de 5 x 0, mas no jogo de volta “em campo, a seleção da Parmalat fez cinco gols. Mas Jardel guardou unzinho e o Grêmio garantiu a vaga com aquele 11 x 10 no jogo de 180 minutos” (BUENO, 2005, p. 208).

A última demonstração de superação apresentada no livro foram os jogos válidos pela final do Campeonato Brasileiro de 1996, que após perder o primeiro jogo por 2 x 0 para a Portuguesa, o Grêmio precisava reverter o placar para ser

campeão. Nos minutos iniciais o Grêmio faz 1 x 0 e aos 39 minutos do segundo tempo o time marca o segundo gol e consagra-se bicampeão brasileiro. Para Bueno, essa vitória sobre a Portuguesa

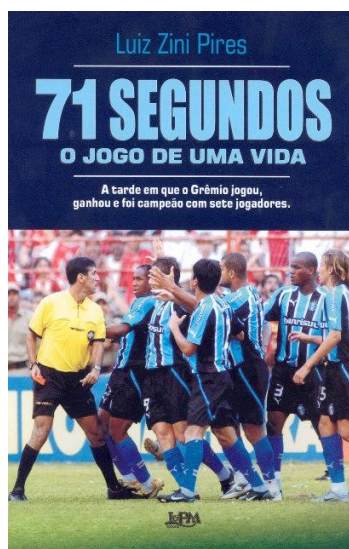
haverá de ser custosa, sofrida, desesperadamente demorada. Afinal, quem está em campo é o Grêmio, e o Grêmio de Felipão, e as coisas nunca foram fáceis para ele e seu time. Mas tudo sempre termina com um longo sorriso na face e o grito de guerra adotado por uma nação que joga com o time e sabe que o Grêmio tem raça uruguaia, fibra inglesa e determinação germânica: “Ah, eu sou gaúcho!” (BUENO, 2005, p. 216)

Nas últimas páginas do livro o autor reservou espaço para tratar, brevemente, do segundo rebaixamento do clube, mas sem se estender muito. Podemos ver através dos trechos e informações apresentadas aqui, que o autor procura a todo o momento enobrecer a história do clube, seus atletas, os jogos difíceis, vitórias sofridas, viradas épicas e até mesmo as derrotas ou empates, fazendo uso de palavras como “futebol-força”, “copeiro”, “determinação”, “disciplina”, “heróis”, “espírito de guerra”, “milagres”, “glória”, “disposição”, “inesquecível”, “luta”, “vontade de vencer”, “façanha”, “inconformismo”, “aguerrido”, “superação”, “raça”, “espírito de luta”, “bravura”, “fibra”, “guerreiros”, “competitivo”, “façanha” e “superação” para descrevê-los.

Acreditamos que ao exaltar a história do Grêmio, e até mesmo algumas derrotas, o autor colabora para a propagação do mito do “Imortal Tricolor”, pois as palavras acima são utilizadas como sinônimo e com o mesmo propósito: elevar os feitos do Grêmio, de modo a fazer o leitor-torcedor acreditar que sempre é possível, que o Grêmio realiza proezas inacreditáveis, que nem tudo está perdido. Estimamos que o livro de Eduardo Bueno atua sim como um suporte que nutre o imaginário dos torcedores na medida em que, ao descrever minuciosamente os acontecimentos, fomenta o mito, fazendo com que o leitor-torcedor agregue essas imagens àquelas que já possui.

Passamos agora para a análise do livro *71 segundos: O jogo de uma vida* (Figura 6) de Luiz Zini Pires, que retrata o jogo mais dramático da história do Grêmio, conhecido por “Batalha dos Aflitos”. Essa partida é a maior representação da imortalidade gremista, visto que o clube enfrentou dificuldades anteriores à partida. O autor se limita a descrever, detalhadamente, além dos acontecimentos ocorridos durante o jogo, os dias e fatos anteriores à final.

Figura 4: Capa do livro 71 segundos: O jogo de uma vida
 Fonte: Saraiva, 2014, online.



Logo na apresentação, o autor já resume os fatos que aconteceram no decorrer da partida, utilizando palavras que expressam tanto tensão quanto o entusiasmo, demonstrando o quão surpreendente fora o jogo, como no trecho:

Na tarde-noite do dia 26 de novembro de 2005, uma das mais incríveis partidas já vistas em um século de futebol no Brasil, o Grêmio bateu o Náutico e voltou ao convívio dos clubes da série A depois de 363 penosos dias. Tempo cruel, em que a euforia e a depressão andaram de mãos dadas. Com apenas sete jogadores em campo, após quatro expulsões, invasões, intervenção acintosa do Batalhão de Choque da PM e uma paralisação de 23 minutos, o Grêmio ainda venceu por 1 a 0, gol do garoto-prodígio Anderson, num malicioso e definitivo ataque pelo lado esquerdo, aos 60 minutos e 51 segundos do segundo tempo – depois de quase 16 lancinantes minutos de prorrogação (PIRES, 2006, p. 9).

Percebemos assim que, o autor apresenta um resumo da partida, e ao mesmo tempo enobrece os acontecimentos, pois mostra ao leitor que o Grêmio necessitou vencer, além do adversário, fatores extracampo. Em seguida, Pires (2006) faz uso de palavras como “imprevisível”, “imponderável” e “indefinível”, e frases “fugiu do racional” e “a lógica bateu no poste” para definir a partida.

Após narrar à tarde de Túlio Macedo, na época vice-presidente do Grêmio, encerra o primeiro capítulo do livro com a seguinte frase: “mas esta é apenas uma história, uma delas, fenômenos de uma tarde única, do jogo que jamais vai acabar” (PIRES, 2006, p. 13). Essa frase nos mostra o quanto esse jogo foi especial, distinto, incomum. Deixa claro para o leitor que diferentes episódios sucederam-se em 118

minutos de partida. Pires (2006) relata no livro os passos dos dirigentes, comissão técnica e jogadores, bem como recorre a seus testemunhos.

Nos primeiros capítulos, o autor expõe os preparativos para a partida, o descontentamento dos jogadores com a situação vivida, as motivações internas e a logística preparada para o grande dia. Veremos nos trechos a seguir como são apresentados no livro. Um exemplo de descontentamento dos jogadores é demonstrado, na página 23, através da declaração do ex-jogador gremista Alessandro que afirma, entre soluços: “eu não aguento mais a situação. Estou cheio. Não quero mais perder”. Identificamos esta frase de Alessandro como parte do inconformismo que atua como elemento importante da imortalidade do Grêmio, pois a partir da inconformidade é que nasce a raça e a garra para buscar a vitória independente que outros fatores.

No livro também fica claro que o passado glorioso do clube é evocado, aplicado em forma de incentivo aos jogadores. Na afirmação a seguir podemos ver como isso ocorre no livro. “Pereira e mais 19 companheiros, mesmo os que não ficariam nem no banco de reservas, assistiram aos melhores momentos da história do Grêmio, concentrados nas três últimas e vitoriosas décadas do clube” (PIRES, 2006, p. 37).

Pires (2006) nos mostra que o Grêmio enfrentou alguns obstáculos a partir do momento em que chegou à cidade de Recife, como por exemplo, o fato dos jogadores e comissão técnica terem que trocar de hotel em meio à madrugada para fugir do foguetório preparado por torcedores adversários, provocação dos torcedores, redução e pintura do vestiário, o não acesso ao campo antes da partida para a realização do aquecimento e hostilidades da PM local. O autor traz a todo o momento fragmentos dos diálogos e discursos dos jogadores e comissão técnica, mostrando como o grupo era exaltado, de modo a incentivar quem entraria em campo e como aquele jogo ganhava ares de guerra. Frases como “quem tá com medo pode descer. Lá dentro o bicho vai pegar. É guerra”, “já deu pra sentir que não será um jogo normal”, “pode faltar futebol. Alma jamais”, “vou jogar este jogo como se fosse a partida da minha vida”, “vamos fazer um crime aqui em Recife” e “vamos dar o sangue” eram utilizadas pelos jogadores a todo instante. Aqui vemos algo semelhante à lenda de Lara, que se sacrificou em prol do time, jogando mesmo doente. É como se o jogador tivesse deixado um legado de superação para os jogadores de outras gerações.

A descrição do jogo é apresentada no décimo segundo capítulo do livro. O primeiro indício da imortalidade gremista tem início aos 31 minutos do segundo tempo, em cobrança de pênalti para o time do Náutico, que para a alegria dos torcedores tricolores, bateu no poste direito. O inconformismo outra vez se mostra presente nas palavras de Lucas: “não tem como perder outra decisão. Não vou perder. Não vai acontecer de novo, não comigo” (PIRES, 2006, p. 73). Aos 30 minutos do segundo tempo o Grêmio tem seu primeiro jogador expulso. Aos 34, outro pênalti foi marcado em favor do Náutico e simultaneamente a expulsão de dois jogadores gremistas. O quarto jogador gremista foi expulso aos 46 minutos do segundo tempo, após intervenção da PM. Sobre este contexto, Pires (2006) lembra-nos que

o Grêmio perdia seu quarto jogador. Agora eram sete contra 11 e ainda um pênalti à disposição do Náutico. Tudo indicava, o fim se aproximava rapidamente. Cada expulsão soava como um gol no estádio. Uma taça apareceu no meio da multidão, a torcida se enfezou antecipadamente e vibrou como se o Náutico já tivesse batido o pênalti e marcado o gol (PIRES, 2006, p. 94).

Após a cobrança do pênalti, que fora defendido por Galatto, o autor escreve que “a torcida do Grêmio não sabia o que fazer. Queria crer, mas não podia. Acreditava em milagres, em gols em finais de jogos, em viradas impossíveis, mas aquilo parecia demais” (PIRES, 2006, pp. 101-102). Exatos 30 segundos após a defesa do pênalti, a bola estava em jogo outra vez com um jogador do Grêmio. Anderson recebeu a bola na intermediária gremista e avançou pelo campo, só parou com a falta recebida, e justamente dessa falta que resultou o gol da vitória gremista.

O milagre foi de Anderson, o Andershow. O gol que ninguém sequer poderia imaginar chegou nos pés do craque do Grêmio. [...] Grêmio, 1 a 0. O gol da classificação, do título, da volta à primeira divisão. [...] A comemoração misturava lágrimas, soluços e abraços numa felicidade comovente. [...] Os torcedores se abraçavam, gritavam, colocavam as mãos na cabeça, choravam e se perguntavam se aquilo tudo estava realmente acontecendo (PIRES, 2006, pp. 106-107).

Podemos ver no trecho anterior que todos sabiam que a partida não seria fácil, não seria simples vencer o Náutico em casa com a torcida local a favor do mandante, mas ninguém poderia imaginar todos os acontecimentos que ocorreriam

nesta eletrizante partida. Isto se confirma novamente no livro, quando o autor assegura que

todos sabiam, mas não podiam acreditar no que estavam vendo, os do campo e os da tevê. Qualquer beliscão era bem-vindo. O Grêmio venceu, 1 a 0, contava com seis jogadores na linha contra nove do adversário (PIRES, 2006, pp. 109-110).

O autor encerra o livro afirmando que “a decisão havia sido atípica, disputada com guerreiros e vencida de forma épica” e complementa declarando que “vencer um time inteiro com apenas sete jogadores não foi tarefa de normais. Foi desafio de heróis” (PIRES, 2006, p. 111).

Ao longo do livro o autor emprega expressões como “inolvidável”, “momentos de glória”, “alma tricolor”, “tarde única”, “jogo pra valer”, “sentimento comum”, “fazer história”, “jogo de uma vida”, “pura emoção”, “determinada”, “focada”, “preparada”, “alma”, objetivo comum”, “batalha”, “arena de jogo”, “dia sem limites”, “heróis”, “guerreiros”, “inesquecível”, “façanha”, “impossível”, “inconformidade”, “extraordinário feito”, “inacreditável vitória”, entre outras, para tentar explicar e recontar tudo o que ocorreu na tarde quente de 26 de novembro de 2005. O autor menciona também a religiosidade expressada no decorrer da partida por parte dos jogadores e dirigentes. Pires (2006) utiliza palavras como “milagres”, “fé”, “esperança” e “rezar” ao tratar a crença no livro. Essa religiosidade na obra de Pires (2006) é mais explícita, porém Bueno (2005) também aplica palavras de conotação religiosa.

Em suma, entendemos que, assim como o livro *Grêmio: nada pode ser maior*, a obra *71 segundos: O jogo de uma vida* contribui para a propagação do mito do “Imortal Tricolor”, pois retrata a maior demonstração da imortalidade gremista, dado que o time precisou superar muito além das dificuldades naturais que poderia encontrar em uma partida de futebol. O time necessitou buscar forçar para enfrentar fatores extracampo, como mencionado anteriormente. Além disso, mesmo como quatro jogadores a menos e dois pênaltis a favor do adversário, os jogadores não se deixaram abater, indo muito além do esperado pelos seus torcedores, ainda que estivessem presenciando os acontecimentos, não acreditam no que estavam vendo.

Compreendemos que a obra de Luiz Zini Pires fomenta de forma mais evidente o mito do “Imortal Tricolor”, pois contextualiza a partida e revela ao leitor fatos que ajudam a entender seu enredo. Porém, consideramos que os dois livros

assemelham-se devido ao fato que os dois exploram e fomentam a superação do Grêmio nos momentos em que mais necessita. Tal semelhança se dá mesmo que o primeiro retrate a história inteira do Grêmio, exalte o passado e celebre feitos anteriores e o segundo atente-se apenas a um episódio reproduzindo as emoções de uma única partida. Na verdade, Bueno (2005) tem a perspectiva mítica muito definida na obra dele, ignorando o lado negativo. Para ele, na obra, tudo é muito bom, até o negativo é bom. Isto é uma das características míticas. Ignoramos o lado negativo das coisas quando amamos. Morin (1989, p. 27) explica-nos que “o amor é por si só um mito divinizador: amar é idealizar e adorar. Nesse sentido, todo amor é uma fermentação mítica”. Após a mitificação desse amor, é muito difícil desconstruí-lo. O mesmo acontece com a imortalidade gremista, pois ao virar um mito e entranhar-se no imaginário dos torcedores, ela não se finda, permanecendo sempre viva na memória. Sendo assim, as derrotas não afetam o sentimento da imortalidade, visto que o mito já está consolidado. Para Morin (2005, p. 23), “o amor, mesmo que decorrente de um desenvolvimento cultural e social, não obedece à ordem social: quando aparece, ignora barreiras, despedaça-se nelas ou simplesmente as rompe”.

O mito possui um movimento cíclico, sempre se renutrindo, por mais que já tenha se consolidado. Ao afirmar que o “jogo que jamais vai acabar”, Pires (2006) colabora para que, a cada momento que a “Batalha dos Aflitos” é lembrada, o mito seja fomentado. Dessa forma, o mito ressurgiu, resgata sua história e se nutre. O mito é esse eterno recomeço, e isso faz com que realmente essa partida nunca tenha fim, ao menos no imaginário dos torcedores. Ao recordar a partida, damos um novo fôlego para essa visão mítica. Observamos então que o imaginário é um reservatório-motor, cada vez que se nutre e vai enriquecendo, vai se consolidando. O mito necessita desse movimento cíclico, desse retorno. Em outras palavras, de um eterno recomeço.

Durand (2010, p. 86) nos afirma: “o mito não raciocina nem descreve: ele tenta convencer pela repetição”. Palavras como “inacreditável”, “heróis”, “amor”, “raça”, “garra” e “determinação” se repetem nos livros, bem como nas entrevistas, nos mostrando que ao recorrer a essas palavras, ao constar nos livros, os autores convencem os leitores sobre a existência do mito e assim reforçando-o, pois isso fica claro ao identificarmos nas entrevistas as mesmas palavras utilizadas pelos autores.

Silva (2010, p. 39) argumenta que “consumado o imaginário, desmontá-lo torna-se quase impossível” listando algumas razões para tal. Destacamos os seguintes argumentos: a) um imaginário é uma positividade (rejeita toda e qualquer crítica como negatividade indébita); d) o imaginário consumado é sustentado pela emoção; f) o imaginário cria laço social (SILVA, 2010, p. 39). Através disto, entendemos que os livros aqui analisados, contribuem para a propagação do mito “Imortal Tricolor”, uma vez que por meio deles, o mito é alimentado pelos sentimentos que os autores retratam no livro, seja de emoção, alegria, orgulho, amor, tristeza ou inconformismo.

5.3 O mito segundo o torcedor

Neste momento, apresentamos os resultados obtidos através das análises das entrevistas, destacando os principais pontos levantados a partir das respostas dos entrevistados, com base nas questões propostas no roteiro. Como explicado anteriormente, os cinco entrevistados foram escolhidos propositalmente por meio da rede social Skoob. Inicialmente entramos em contato com quatro usuários da rede social e após a demora para o envio das respostas, decidimos entrar em contato com novos usuários. O roteiro das entrevistas foi organizado com nove perguntas; divididas em três eixos centrais como “motivações e sentimentos”, “crenças” e “livros”, sendo que cada eixo contou com três perguntas.

O perfil demográfico dos entrevistados apresentou pouca diferença de idade entre eles, tendo 21 anos o mais jovem e 34 o mais velho. Suas localidades variam bastante, em cidades como Recife, Porto Alegre, Dois Irmãos e Santa Maria. Em relação ao sexo dos entrevistados, a amostra era formada por três pessoas do sexo feminino e duas do sexo masculino. Entre os entrevistados, apenas um declarou ser estudante e os outros afirmaram ter alguma ocupação profissional.

Tabela 2: Amostra de entrevistados.

NOME	GÊNERO	IDADE	LOCALIDADE	PROFISSÃO
Entrevistado 1	F	22	Recife	Assistente Social
Entrevistado 2	M	31	Porto Alegre	Jornalista
Entrevistado 3	F	23	Dois Irmãos	Assistente de Importação
Entrevistado 4	F	34	Porto Alegre	Analista de Sistemas
Entrevistado 5	M	21	Santa Maria	Estudante

A partir das respostas dos entrevistados, percebemos que a relação com o clube, em geral, se deu a partir de influências da família. Apenas um entrevistado afirma ter sofrido influência de amigos.

Entrevistado 1: “Sou gremista porque 90% da minha família também o é. Além disso, tenho uma grande amiga da família que sempre considerei como irmã mais velha, e é gremista. Ela foi, sem dúvida, a minha maior influenciadora”.

Entrevistado 2: “O Grêmio não foi uma escolha. Eu nasci gremista. meu pai se responsabilizou por isto. Nunca houve dúvida sobre torcer ou não. Sou gremista, assim como sou canhoto”.

Entrevistado 5: “Meu pai me ensinou a ser”.

Quando questionados sobre qual lembrança mais forte os entrevistados tinham do Grêmio, as respostas divergiram, mas foram relacionadas a grandes jogos do Grêmio, como Copa do Brasil de 1989 e 2001, o Mundial de Interclubes de 1983, “Batalha dos Aflitos” de 2005 e Libertadores da América de 2007. As lembranças apontadas pelos entrevistados mostra que estão associadas à infância e início da juventude, entre os 3 anos e 14 anos de idade.

Entrevistado 3: “A defesa do Gallato do pênalti no jogo contra o Náutico, com 14 anos. Sou a única gremista numa casa de colorados, lembro que estava assistindo aquele jogo com meu pai, e que eu estava tão abalada quando ocorreram as expulsões que ele (colorado) me pegou no colo e ficou tentando me acalmar, eu estava desesperada com a situação e explodi quando o Gallato pegou aquele pênalti, chorei tanto que nem vi o gol do Anderson quando ocorreu, só quando gritaram gol que eu vi que o jogo tinha seguido.

Entrevistado 4: “Desfile do Campeão do Mundo na Avenida Farrapos em 1983”.

Ao serem indagados sobre a importância do Grêmio em suas vidas, a maioria das respostas foi simples: “identificação com outras pessoas” e “lazer e confraternização”. O entrevistado 5 declara que o clube o influenciou na escolha profissional. Apenas o entrevistado 1 assegura a importância do Grêmio em sua vida.

Entrevistado 1: “O Grêmio vai muito além de um time de futebol. O Grêmio significa fé, crença, momento em família e de aproximação. Assistir aos jogos é um compromisso. Mas, acima de tudo, o Grêmio representa amor, entrega, e a compreensão do que é um sentimento forte e verdadeiro.

As respostas referentes à pergunta “o que é ser gremista para você?” tomaram uma conotação quase que religiosa, pois as palavras usadas para nas respostas demonstram isso, tais como:

Entrevistado 1: “É ser devoto. É uma crença. É amor incondicional”.

Entrevistado 2: “É quase uma religião”.

Entrevistado 3: “é fazer parte de uma segunda família, é estar junto do time nos bons e maus momentos, é ser esperançoso, ter amor pelo time. Não importa o quão mal vá num ano, se os jogadores não tão rendendo, se a direção tá fazendo besteira ou o técnico é terrível, tu continua ao lado do time, é um amor incondicional, tu troca de namorado, troca de opinião política, de interesses, mas não troca de time, não abandona.”

No eixo “crenças” procuramos verificar como os torcedores entendem a ligação entre Grêmio e o mito do “Imortal Tricolor”. Consideramos este um eixo importante para compreender se os torcedores acreditam no mito e como esse mito é percebido por eles. A primeira questão “o que você pensa a respeito da relação entre a imortalidade e o Grêmio” nos revelou uma surpresa, pois dois entrevistados julgaram isto como “uma jogada de marketing”. Os outros três entrevistados divergem nas respostas, porém demonstram que acreditam sim na imortalidade gremista.

Entrevistado 1: “A imortalidade é a marca do Grêmio. Ela expressa a nossa alma, o nosso espírito”.

Entrevistado 2: “Enquanto houver um gremista, o Grêmio vai existir. A imortalidade nada tem a ver com vencer ou perder. Tem a ver, sim, com o sentimento de pertencimento a um grupo de pessoas que vibram ou sofrem pela mesma coisa. O sentimento de ser gremista está acima do que ocorre dentro do campo. Vejo a dita imortalidade do Grêmio como um sentimento de esperança, de crença.”

Entrevistado 3: “É algo curioso. Tem duas faces pra mim essa imortalidade, a primeira de que leva a sério o “não tá morto quem peleia”, que não podem contar com a gente derrotado antes do apito final, de que levar um vareio no primeiro jogo não significa que estamos eliminados, e segundo de que, independente de como estiver, o Grêmio, como “instituição”, não morre. [...]O Grêmio tem uma torcida fanática, que sabe apoiar nos maiores momentos, e acredito que o time tire forças disso, acho que tem disso também na questão da imortalidade, quando tá no fundo do poço sempre consegue arranjar forças pra se reinventar e ressurgir dentro das condições possíveis e às vezes impossíveis”.

Os torcedores que na pergunta anterior afirmaram que não consideram a existência da relação entre imortalidade e o Grêmio, ao responder se acreditavam que o Grêmio é realmente imortal, novamente discordam dos demais. Asseguram não acreditar em tal afirmação.

Entrevistado 4: “Isso é ridículo. Não é nem mesmo uma crença. É apenas um *meme* da mídia. Repetido *ad nauseam* por torcedores fanáticos e pela própria mídia”.

Entrevistado 5: “Não acredito, mas pode influenciar psicologicamente nos jogadores em algumas partidas”.

Os outros três entrevistados declararam, de certa maneira, considerar o Grêmio como imortal.

Entrevistado 1: “Eu acompanho o Grêmio desde que tenho memória. Eu vivi viradas épicas, recuperações impossíveis, e sentimentos tão fortes que não podem ser descritos. Sim, um time que proporciona isso, que torna possível, é Imortal”.

Entrevistado 2: “O sentimento de ser gremista é que é imortal, que transcende ao período de vida de um humano. Vários gremistas já morreram, e outros tantos nascem a cada dia. Enquanto isto ocorrer, sim, o Grêmio será imortal”.

Entrevistado 3: “Acontece tanta coisa com o time que às vezes é difícil até para nós torcedores entendermos, como a batalha dos aflitos, as viradas históricas em jogos eliminatórios, lembro de um jogo contra o Fluminense que estava 4x2 aos 45 do segundo tempo e que o Grêmio empatou nos três minutos de acréscimos, acho que tem uma certa imortalidade nisso”.

Na última pergunta do segundo eixo da entrevista, buscamos saber que episódio o entrevistado julga que simbolize a imortalidade gremista. Apenas um entrevistado permanece refutando a existência do mito do “Imortal Tricolor”, afirmando que isso é apenas o resultado das vitórias gremistas em finais de campeonato, onde conseguiu reverter o placar e consagrar-se campeão. O

entrevistado 5 associa a imortalidade às vitórias conquistadas com garra e raça e o entrevistado 3 alega que imortalidade é “tudo o que acontece com o time que é considerado inacreditável, todas as vezes que o time estava no fundo do poço e deu a volta por cima”. Dois entrevistados não destacam um episódio, mas sim relacionam a imortalidade à torcida tricolor e aos sentimentos.

Entrevistado 1: “A imortalidade gremista é representada pela torcida, que está sempre alentando o time; por cada grito de “GOL” seguido por sorrisos carregados de emoções; pela raça, que precisa estar presente em todos os jogadores, pois até os melhores jogadores tático apreendem que, sem o espírito Gremista, não terão sucesso no clube; e pela multidão, que se une por um mesmo sentimento: Amor. Um amor Imortal”.

Entrevistado 2: “Eu não relaciono diretamente a um fato. Relaciono ao sentimento de que nunca vou conseguir ficar longe ou indiferente ao Grêmio”.

O terceiro eixo temático da entrevista, direcionado aos livros, traz questões onde procuramos identificar de que maneira os leitores percebem o mito no livro e como o clube é retratado. Observamos que, em geral, estes tiveram acesso à obra por meio de empréstimo de amigos e familiares. Quando questionados sobre a imagem que o livro transmitiu sobre o Grêmio, os entrevistados foram unânimes, pois todos relatam episódios da história do clube e apontam características do time.

Entrevistado 1: “Os livros transmitem uma emoção muito forte, no momento em que os estou lendo sinto meu amor pelo Grêmio de maneira ainda mais intensa. Ao ler, revivo as conquistas, sinto os dias de glória e a alegria de ser gremista”.

Entrevistado 2: “No caso do “71”, foi a euforia de transformar um dos momentos mais humilhantes da história do Grêmio – jogar a segunda divisão pela segunda vez – em um momento épico, dado os fatos ocorridos em campo – adversário com quatro jogadores a mais, errando pênalti, e sofrendo o gol logo em seguida. Já o “Nada pode ser maior”, é quase a bíblia do torcedor. Escrito por torcedor, com fatos destacados e contados da maneira que o torcedor quer enxergar o clube, com as provocações que os torcedores fazem aos rivais”.

Entrevistado 3: “Transmite a imagem de um time guerreiro, de jogadores heróis, um time de dar orgulho”.

Entrevistado 4: “Grêmio: Nada pode ser maior”: imagem de que é o melhor time do mundo. E só poderia ser essa, pois o livro é do Peninha. O mesmo efeito tem “A América aos nossos pés”, também dele. “71 segundos: O jogo de uma vida”: imagem de uma equipe dedicada a alcançar seus objetivos sob quaisquer circunstâncias, até mesmo frente a sérias dificuldades.

Entrevistado 5: “Que o grêmio tem uma história incrível de um dia muito especial. Devido a garra e desistir jamais”.

Na última pergunta da entrevista colocamos em pauta como os leitores percebem a imortalidade nos livros, como eles observam a colaboração dos livros para a propagação do mito. Todos os entrevistados acreditam que os livros colaboram e reforçam o mito da imortalidade gremista.

Entrevistado 1: “Sim, os livros evidenciam nossa tradição”.

Entrevistado 2: “Para mim, os livros reforçam, mais do que a “imortalidade”, o sentimento de vencer “contra tudo e contra todos”, superando qualquer obstáculo, seja a arbitragem, a falta de dinheiro, a “mídia colorada”, a “mídia paulista”, a “mídia carioca”, a falta de dinheiro ou de jogadores mais qualificados. Acho que este sentimento, esta postura de “contra tudo e contra todos” é o que alimenta o sentimento da imortalidade”.

Entrevistado 3: “Sim, eles destacam todos os feitos heroicos e inacreditáveis do tricolor, em especial o 71 segundos”.

Entrevistado 4: “Certamente colaboram. Inclusive insistem muito na ideia”.

Entrevistado 5: “Reforçaram, até porque antes não se falava tanto de imortalidade como se fala depois do acontecido e das publicações dos livros”.

Percebemos através das entrevistas que os livros refletem nas percepções dos entrevistados, nutrindo o imaginário que eles já possuem sobre o Grêmio, e enriquecendo seu reservatório. Constatamos que expressões, frases, ideias que aparecem nos livros se repetem nas falas dos entrevistados, muito porque o mito possui um discurso único, se reforçando pela repetição da linguagem, por exemplo, ao utilizar palavras como “imortal”, “guerreiros”, “heróis”, “garra” e “esperança”, pois depois que se criou um mito, ele não volta atrás. Compreendemos que o mito ignora o lado negativo, não considera os acontecimentos desfavoráveis, pois o que importa é o sentimento depositado no ser/objeto mitificado.

Observamos que dois entrevistados não acreditam no mito da imortalidade gremista. A argumentação proferida por eles vai de encontro ao que diz SILVA (2006), referindo-se ao episódio da “Batalha dos Aflitos”. O autor argumenta que essa partida não passou de um “barraco dos Aflitos”, mencionando os acontecimentos ocorridos na partida. Para o autor,

o acaso, o tumulto e as circunstâncias do ato foram apagados por esse título, 'A Batalha dos Aflitos', que transformou o fato, em si mesmo extraordinário, em acontecimento fantástico, consumando um superfaturamento imaginal, uma cobertura gloriosa para um caso controvertido (SILVA, 2006, p. 58).

Sendo assim, percebemos que ambos os entrevistados não se deixam levar pela paixão, mas levam os fatos mais racionalmente. Conseqüentemente, podemos afirmar que o mito não se reflete na percepção de todos os torcedores e que para a imortalidade passar a ser acreditada, ela depende de como o imaginário de cada torcedor foi construído. Notamos que mesmo não acreditando na existência do mito, os entrevistados 4 e 5 identificam o mito nos livros, comprovando que eles contribuem para a propagação do mito, pois por mais que racionalizem o mito "Imortal Tricolor", eles acreditam na verdade que o livro, enquanto suporte de conhecimento e veracidade, transmite a eles. Em contrapartida, os livros atuam como motor do imaginário desses torcedores que acreditam no mito da imortalidade gremista, pois eles resultam de um reservatório desse imaginário, realimentando-o. A partir do momento em que o livro é publicado, trazendo a visão de um torcedor, ele reforça o mito, que assim se propaga. Entendemos igualmente que os torcedores tem fé no mito, acreditando sempre, independente de qualquer coisa.

Notamos igualmente que as falas dos entrevistados são carregadas de sentimentos e religiosidade através de palavras como "amor incondicional", "esperançoso", "orgulho", "entrega", "sentimento forte e verdadeiro", "devoto", "crença", "alma", "espírito", "dias de glória", "alegria", "religião", entre outras.

Tendo conhecimento que o mito do "Imortal Tricolor" é visto de maneira distinta entre gremistas e colorados, constatamos, através da fala de Silva (2006) e de Bueno (2005) que ambos, através de palavras procuram minimizar e desqualificar a história dos clubes. Silva (2006) classifica a "Batalha dos Aflitos" como "Barraco dos Aflitos" enquanto Bueno (2005) denomina o clássico gaúcho "GreNal" como "Grepal", justificando que o clube rival deveria chamar-se S. C. Municipal e não Internacional, devido ao fato que o clube colorado viria conquistar seus maiores títulos apenas em 2006.

Por fim, concluímos que os livros colaboram para a propagação do mito do "Imortal Tricolor", devido ao fato que eles fomentam o imaginário da maioria dos torcedores. Também entendemos, a partir do momento em que identificamos algumas repetições, seja de palavras ou ideias, entre os livros e as entrevistas, que

as obras de fato refletem e influenciam na fala dos leitores-torcedores. Na verdade, o que se observou através de nossos entrevistados, foi que o imaginário referente ao clube e ao mito da imortalidade gremista começou a se consolidar em um período onde os indivíduos acumulam imagens, sentimentos, lembranças, experiências e visões, isto é, entre a infância e pré-adolescência. Os episódios destacados pelos entrevistados como lembranças marcantes situam-se, na história do clube, numa época e contexto semelhantes, focados nas últimas décadas vitoriosas do Grêmio, colaborando para fortalecer tanto a imagem do clube quanto o seu próprio mito. Constatamos, afinal, que quando tudo parece impossível, é que essa imortalidade ressurgem coletivamente, aflorando nas situações de dificuldades, surgindo na mente dos gremistas e de todos que tem conhecimento do mito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema desta pesquisa se deu pelo fato da pesquisadora se identificar com o objeto estudado, além da curiosidade pelo universo editorial e como este mercado está voltado para o futebol, especialmente em obras direcionadas para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre. Também levamos em conta a escassez de trabalhos a respeito deste assunto, nos motivando assim a seguir com a pesquisa. O futebol envolve diversos sentimentos e emoções. Acima dele encontra-se a lenda e o mito, magia e amor. Há jogos que despertam vários sentimentos em apenas 90 minutos. Transformam-se em narrativas carregadas de paixão, criando mitos, heróis, alegrias e tragédias. Partindo disto, nos dedicamos a entender como o Grêmio é apresentado em seus livros e de que maneira os leitores entrevistados percebem isto.

No decorrer da etapa da realização desta monografia, ocorreram muitos aprendizados, desafios, dúvidas, curiosidades e surpresas. As expectativas sobre o objeto de pesquisa foram confirmadas, nos deixando claro o importante papel do livro na propagação de mito, em especial ao mito do “Imortal Tricolor”, pois os dois livros selecionados para a análise cumpriram o seu papel, fomentando o amor dos torcedores, fazendo com que eles acreditassem ainda mais nesse mito.

Ao longo do trabalho aqui apresentado, constatamos a importância do livro enquanto suporte no desenvolvimento da sociedade, o quanto as transformações tanto no formato quanto na técnica de produção contribuíram de maneira significativa para este desenvolvimento. Vimos também que a história do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre está repleta de grandes desafios, de entrega nas competições, superação, garra e raça. Que através das partidas decisivas, o clube construiu uma imagem de que nunca se entrega, de um time que luta até o fim, vencendo obstáculos dentro e fora de campo, contribuindo para a formação e difusão do mito. Neste trabalho foram apresentados noções de imaginário, tecnologias do imaginário e mito. A partir disto, nos foi possível aprender e entender de que maneira esses termos são caracterizados por seus autores e como isso colabora para a propagação do mito aqui estudado.

Sendo assim, no primeiro capítulo onde tratamos sobre as transformações nos suportes dos livros, o impresso no Brasil e literatura esportiva, cumprimos os dois primeiros objetivos específicos: traçar e compreender as transformações dos livros e

do mercado editorial; e entender o percurso do livro no Brasil. Com isso, construímos um referencial teórico que nos serviu de apoio para a pesquisa, contextualizando o leitor sobre os assuntos trabalhados.

Cumprindo estes objetivos, no quarto capítulo validamos nosso terceiro objetivo: examinar como o mercado é voltado para os amantes de futebol, em especial, os gremistas; onde percebemos o quão limitado é o mercado de obras referentes ao futebol, confirmando isso através de uma pesquisa exploratória, pois identificamos apenas 33 obras voltadas para o Grêmio. O quarto objetivo: investigar a relação do leitor-torcedor com o clube através dos livros; e o quinto: analisar como o Grêmio é representado nos livros e como isso colabora para propagar o mito do imortal tricolor foram investigados e apresentados no sexto capítulo, onde as análises foram expostas.

A partir disto, partimos para as análises dos livros e das cinco entrevistas, procurando identificar elementos que confirmassem a propagação do mito através das obras. Desta forma, cumprimos o objetivo geral e respondemos o problema que norteou nossa pesquisa: **Como o livro é utilizado na propagação do mito “Imortal Tricolor”?**

Relembramos que no quinto capítulo as noções sobre imaginário e mito foram expostas. Silva (2010) nos assegura que o mito é construído através de um real que se torna hiper-real. Com isso, percebemos que o mito do “Imortal Tricolor” é originado da história real de superação do clube e como o livro, enquanto tecnologia do imaginário contribui para fomentá-lo.

Consideramos que o livro, neste caso, teve um importante papel na propagação do mito, pois, ao trazer a visão de um torcedor gremista que enaltece a todo o momento a história do Grêmio, fez com que seus leitores identificassem ainda mais com o clube e percebessem o mito na obra.

Como dito anteriormente, poucos são os estudos em comunicação voltados para os livros sobre futebol e como eles interferem nas percepções dos leitores. Neste sentido, o trabalho contribui para que estudos nessa área tenham futuro, principalmente em Produção Editorial, onde os profissionais precisam entender e pensar nos leitores. Também acreditamos que este trabalho levou em conta a relevância do livro em nossa profissão, bem como a significância para a nossa construção imaginária, pois atuam como propagadores de mito e verdades.

Recomendamos aos futuros pesquisadores, busquem entender a importância do livro não só voltados para o futebol, mas também em outras áreas, procurando compreender o papel dos livros na formação e identificação dos leitores. Recomendamos também estudos voltados para livros que abordem futebol, livros referentes a outros times, criar um panorama de livros infantis, biografias e cronologias, bem como sua importância no meio. Por fim, acreditamos que este trabalho cumpriu com o que avia sido proposto inicialmente, compreendendo o papel do livro na propagação do mito do “Imortal Tricolor”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcia. **Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros**. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia. Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: UNESP, 2010.

BRAGANÇA, Aníbal. **Antônio Isidoro da Fonseca e frei José Mariano da Conceição Veloso: precursores**. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia. Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: UNESP, 2010.

BUENO, Eduardo. **Grêmio: nada pode ser maior**. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

BURTENSHAW, Ken; MAHON, Nik; BARFOOT, Caroline. **Fundamentos de publicidade criativa**. Porto alegre: Bookman. 2010.

CARNEIRO, Flávio Martins. **Passe de letra: futebol e literatura**. – Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

CASTRO, César A.. **Produção e circulação de livros no Brasil: dos jesuítas (1550) aos militares (1970)**. Enc. BIBLI: R. eletrônica de Bibl. Ci. Inform., Florianópolis, n. 20, 2º semestre de 2005.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: no leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. – São Paulo: Ática, 2002.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**; Tradução Renée Eve Levié. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Difel, 2010.

FISCHER, Steve R.. **História da leitura**. Tradução Cláudia Freire. – São Paulo: UNESP, 2006.

FONTANA, Vinicius Henrique. **Mitologias no jornalismo esportivo: o mito da 'imortalidade' gremista**. 2011. 93 páginas. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. Dissertação (mestrado) – UNICAMP, Campinas, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GIOVANNINI, Giovani (org). **Evolução na comunicação: do sílex ao silício**. Tradução Wilma Freitas Ronald de Carvalho. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GRISA, Jairo Angelo. **Histórias de Ouvinte: a audiência popular no rádio**. Itajaí: Univali. 2003.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil: sua história**. Tradução Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed da Universidade de São Paulo, 1985.

JEFFEMAN, Tauana Mariana Weinberg. **Socialização e consumo em redes sociais: um estudo sobre o Skoob**. V Pró-Pesq PP – Encontro de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda. De 21 a 23/05/2014. CRP/ECA/USP.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1964.

KESKE, Humberto Ivan; MOSER, Vinícius. **Mito, ideologia e mídia no futebol contemporâneo**. Revista Polêmica. Rio de Janeiro, volume 12, número 3, 2013.

LAIGNIER, Pablo; FORTES, Rafael. **Introdução à história da comunicação**. – Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

LEMOS, Greta. **Marcas de editoras porto-alegrenses e sua veiculação nos livros**. 2010. 137 f. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LORENZ, Sergio Roberto Lima. **A Construção Discursivo-Pedagógica Do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre Pela Mídia Impressa (1983-2005)**. Dissertação (Mestrado) - Ulbra, Canoas, 2009.

MACEDO, Thiago. **O Livro, como suporte da escrita: evolução e tendências atuais**. São Paulo, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Tradução Aluizio Ramos Trinta. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. – Porto Alegre: Revista Famecos 2001.

MARQUES, José Carlos. **A falação esportiva (o discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol)**. NP18 – Núcleo de Pesquisa Mídia Esportiva, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro. 2002.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita : historia do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 2002.

MINDLIN, José. **Impressão Régia: seu significado e suas realizações.** In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros.* São Paulo: UNESP, 2010.

MORAES, R. B. de. **O bibliófilo aprendiz.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MORAES, Rubem Borba de. **Livros e Bibliotecas no período Colonial.** Rio de Janeiro; Livros Técnicos e Científicos, 1979.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria.** Tradução Edgar de Assis Carvalho. – 7ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. **As estrelas: mito e sedução no cinema;** Tradução [da 3. Ed. Francesa] Luciano Trigo. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

OBSERVATÓRIO, da Imprensa. **200 anos de Imprensa no Brasil.** TV Brasil. 2008.

PERUZZOLO, Adair C.. **A comunicação como encontro.** – Bauru, SP: Edusc, 2006.

PIRES, Luiz Zini. **71 segundos: o jogo de uma vida.** – Porto Alegre: L&PM, 2010.

QUEIROZ, Marcos Augusto de. **Imprensa, fábrica de heróis – A mitificação de jogadores de futebol pela imprensa esportiva brasileira: análise de reportagens do jornal eletrônico Lancenet.** 2005. 41 f. Centro Universitário de Brasília.

RIZZINI, Carlos. *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil, 1500 - 1822.* – Rio de Janeiro: Kosmos, 1946; reimpressão: São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1988.

ROCHA, Everardo. **O que é mito.** São Paulo, Brasiliense, 1999.

SCHWALBE, Will. **O clube do livro do fim da vida: uma história real sobre perda, celebração e o poder da leitura.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

SEHN, Thaís. **O livro como objeto de desejo.** 2009. 225 f. Trabalho de conclusão de curso – Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2009.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES.** Porto Alegre: Sulina, 2010.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário.** Porto Alegre: 2ª edição, Sulina, 2006.

SODRÉ, Nelson Wernerck. **História da imprensa no Brasil.** ^a ed. (atualizada) – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STUMPF, Ida Regina C.. *Pesquisa Bibliográfica.* In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.* São Paulo: Atlas, 2009.

TORRESINI, Elizabeth W. Rochadel. **Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX)**. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1990.

REFERÊNCIAS ONLINE

AMIGOS DO LIVRO. Disponível em: < http://www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=3697 >. Acesso em: jul. de 2014.

ANDRADE, Ivan Maciel de. **A paixão pelo futebol.** Tribuna do Norte. Disponível em: < <http://tribunadonorte.com.br/noticia/a-paixao-pelo-futebol/286898> >. Acesso em: ago. de 2014.

CALDEIRA, Cinderela. **Do papiro ao papel manufacturado.** Revista Espaço Aberto. Disponível em: < <http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0varia> >. Acesso em: jul. de 2014.

CÂMARA BRASILEIRA DE LIVROS (CBL). **Relatório anual 2013.** Disponível em: < <http://www.cbl.org.br/upload/Relatorio2014.pdf/> > Acesso em: jul. 2014.

CIDADÃO DO MUNDO. Disponível em: < <http://www.cidadaodomundo.org/2013/10/amor-pelos-livros/> >. Acesso em: jul. de 2014.

COIMBRA, David. **História dos Grenais.** Blog do David Coimbra. Disponível em: < <http://wp.clicrbs.com.br/davidcoimbra/category/historia-dos-grenais/?topo=13,1,1,,13> >. Acesso em: set. de 2014.

DINES, Alberto. Futebol e literatura. Observatório da Imprensa. Disponível em: < http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/futebol_e_literatura >. Acesso em: set. de 2014.

DIRETÓRIO DE ARTIGOS GRATUITOS. Disponível em: < <http://www.artigonal.com/ciencia-artigos/a-origem-do-livro-1542468.html> >. Acesso em: jul. de 2014.

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON. **Futebol e literatura: relação vai muito além do imaginário popular.** Fundação Pedro Calmon. Disponível em: < <http://www.fpc.ba.gov.br/futebol-e-literatura-relacao-vai-muito-alem-do-imaginario-popular/> >. Acesso em: set. de 2014.

GONÇAVES, Emerson. **As 30 marcas mais valiosas do futebol brasileiro.** Globo Esporte. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/olhar-cronico-esportivo/post/30-marcas-mais-valiosas-do-futebol-brasileiro.html> >. Acesso em: ago. de 2014.

GRÊMIO COPER. Disponível em: < <http://www.gremiocoper.com/> >. Acesso em: set. de 2014.

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE. Disponível em: <<http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=historia&language=0>>. Acesso em: set. de 2014.

HISTÓRIA DO MUNDO. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/origem-dos-livros.htm>>. Acesso em: jul. de 2014.

<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1419947>>. Acesso em: ago. de 2014.

IMPRENSA NACIONAL. Disponível em: <<http://portal.in.gov.br/aceso-a-informacao/institucional/a-imprensa-nacional>>. Acesso em: set. de 2014.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf>. Acesso em: jul. de 2014.

LIMA, Mário Sérgio. **Copa estimula venda de livros sobre futebol no Brasil.** Estadão. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,copa-estimula-venda-de-livros-sobre-futebol-no-brasil,552827>>. Acesso em: ago. de 2014.

LITERATURA DA ARQUIBANCADA. Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/>>. Acesso em: set. de 2014.

MOSER, Sandro. **Relação entre futebol e literatura vira tese de doutorado.** Gazeta do Povo. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1419947>>. Acesso em: ago. De 2014.

MUNIZ, Mariana. **Futebol e literatura entram em campo na Bienal do livro.** Yahoo!. Disponível em: <<https://br.tv.yahoo.com/noticias/futebol-literatura-entram-campo-bienal-livro-175403139.html>>. Acesso em: ago. de 2014.

MURTINHO, Jorge. **Futebol e literatura.** Revista Piauí. Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-do-futebol/geral/futebol-e-literatura>>. Acesso em: ago. de 2014.

RODRIGUES, Sérgio. **Por que o futebol é pouco presente na literatura brasileira?** Revista Veja. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/vida-literaria/por-que-o-futebol-e-pouco-presente-na-literatura-brasileira/>>. Acesso em: ago. de 2014.

SERRA, Cristiane. **“71 segundos”, a façanha eternizada.** Blog da Cristiane Serra. Disponível em: <<http://crisserra.wordpress.com/2009/06/25/71-segundos-a-facanha-eternizada/>>. Acesso em: set. de 2014.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. **Produção e vendas do setor editorial brasileiro.** Disponível em: <<http://www.snel.org.br/dados-do-setor/producao-e-vendas-do-setor-editorial-brasileiro/>>. Acesso em: jul. de 2014.

APÊNDICE A

PERGUNTAS ENTREVISTA

1) Perfil Sócio-demográfico:

Nome

Idade

Sexo

Profissão

Localidade

2) Motivações e sentimentos:

- a) Qual a lembrança mais forte que você tem do Grêmio? Com que idade?
- b) Por que você é gremista? Qual a importância do Grêmio na sua vida?
- c) O que é ser gremista, para você?

3) Crenças

- a) O que você pensa a respeito da relação entre a imortalidade e o Grêmio?
- b) Você acha que o Grêmio realmente é imortal ou isso é crença da torcida gremista?
- c) Qual fato simboliza essa imortalidade gremista em sua opinião?

4) Os livros

- a) Qual imagem do Grêmio o livro lhe transmitiu?
- b) Como você teve acesso a esta obra?
- c) Acredita que os livros colaboram para reforçar o mito do imortal tricolor? Lembre-se de algum em que a imortalidade se faz presente?

ANEXO A**Primeiro Hino do Grêmio**

Ano: 1924

Letra: Isolino Leal.

Vibre em nós a luz da energia
que dá fulgor e faz heróis;
músculos de aço e varonia
nos façam da pátria áureos sóis

Do sul ao norte
Nos seja prêmio
A fé no Grêmio
Invicto e forte!

A nobreza, se o prélio freme,
é quem inspira o coração
Da nossa gente que não treme,
e luta sempre como um leão.

Filhos do Pampa erguendo a fama
Desta terra de honra e valor,
com a alma acesa, em viva chama,
por ela cante o nosso amor!

Segundo Hino do Grêmio

Ano: 1946

Letra: *Breno Blauth*

Abram alas, abram alas,
Lá vem o quadro tricolor
Nós estamos confiantes
No nosso onze de valor

O Grêmio é o tal
Não teme seu rival
É um mosqueteiro do esporte nacional
O nosso tricolor
É um quadro de valor
Ele é fidalgo, destemido e leal
Nosso time da baixada
Não tem receio algum
Pois a bola vae ao golo
E a torcida quer mais um

O Grêmio é o tal
Não teme seu rival
É um mosqueteiro do esporte nacional
O nosso tricolor
É um quadro de valor
Ele é fidalgo, destemido e leal
Viva o Grêmio, viva o Grêmio
Não ganhará jogo em vão
De conquista em conquista
Vai ser de novo o campeão

Atual Hino do Grêmio

Ano: 1953

Letra: *Lupicínio Rodrigues*

Até a pé nós iremos
Para o que der e vier
Mas o certo é que nós estaremos
Com o Grêmio onde o Grêmio estiver

50 anos de glória
Tens imortal tricolor
Os feitos da tua história
Canta o Rio Grande com amor

Nós como bons torcedores
Sem hesitarmos sequer
Aplaudiremos o Grêmio
Aonde o Grêmio estiver

Lara o craque imortal
Soube seu nome elevar
Hoje com o mesmo ideal
Nós saberemos te honrar

Até a pé nós iremos
Para o que der e vier
Mas o certo é que nós estaremos
Com o Grêmio onde o Grêmio estiver

ANEXO B

Respostas dos entrevistados

Entrevistado 1

1) Perfil sócio-demográfico

Idade: 22

Sexo: F

Profissão: Assistente Social

Localidade: Recife (PE)

2) Motivações e sentimentos:

a) Qual a lembrança mais forte que você tem do Grêmio? Com que idade?

Minha lembrança mais forte do Grêmio é a da conquista do tetra da Copa do Brasil em 2001, aos 9 anos, ouvindo o jogo pelo rádio do nonno com toda a família reunida na varanda.

Outra lembrança marcante, porém infeliz, é a da final da Libertadores de 2007, aos 15 anos, pois a Imortalidade do Grêmio esteve presente em toda a campanha, e realmente acreditei que sairíamos campeões.

b) Por que você é gremista? Qual a importância do Grêmio na sua vida?

Sou gremista porque 90% da minha família também o é. Além disso, tenho uma grande amiga da família que sempre considerei como irmã mais velha, e é gremista. Ela foi, sem dúvida, a minha maior influenciadora.

O Grêmio vai muito além de um time de futebol. O Grêmio significa fé, crença, momento em família e de aproximação. Assistir aos jogos é um compromisso. Mas, acima de tudo, o Grêmio representa amor, entrega, e a compreensão do que é um sentimento forte e verdadeiro.

c) O que é ser gremista, para você?

Para mim, ser gremista é ser devoto. É uma crença. É amor incondicional.

3) Crenças

a) O que você pensa a respeito da relação entre a imortalidade e o Grêmio?

A Imortalidade é a marca do Grêmio. Ela expressa a nossa alma, o nosso espírito. Quando se fala em time imortal, o Grêmio é automaticamente reconhecido pelos torcedores de outros times.

b) Você acha que o Grêmio realmente é imortal ou isso é crença da torcida gremista?

Eu acompanho o Grêmio desde que tenho memória. Eu vivi viradas épicas, recuperações impossíveis, e sentimentos tão fortes que não podem ser descritos. Sim, um time que proporciona isso, que torna possível, é Imortal.

c) Qual fato simboliza essa imortalidade gremista em sua opinião?

A imortalidade gremista é representada pela torcida, que está sempre alentando o time; por cada grito de "GOL" seguido por sorrisos carregados de emoções; pela raça, que precisa estar presente em todos os jogadores, pois até os melhores jogadores tático apreendem que, sem o espírito Gremista, não terão sucesso no clube; e pela multidão, que se une por um mesmo sentimento: Amor. Um amor Imortal.

4) Os livros

a) Qual imagem do Grêmio o livro lhe transmitiu?

Li 10 livros do Grêmio, e todos proporcionaram sentimentos únicos, porém de maneiras diferentes. Alguns são relatos e paixão; outros, história. Os livros transmitem uma emoção muito forte, no momento em que os estou lendo sinto meu amor pelo Grêmio de maneira ainda mais intensa. Ao ler, revivo as conquistas, sinto os dias de glória e a alegria de ser gremista.

b) Como você teve acesso a esta obra?

Sempre li muito, então encontrar livros de futebol foi consequência.

c) Acredita que os livros colaboram para reforçar o mito do imortal tricolor? Lembra-se de algum em que a imortalidade se faz presente?

Sim, complementando o item 4-A, os livros evidenciam nossa tradição.

A lembrança mais nítida da imortalidade, além da já citada campanha da Libertadores 2007 (salvo a final, claro), é a Batalha dos Aflitos. “Heroico. Inacreditável. Imortal”.

Entrevistado 2

1) Perfil sócio-demográfico

Idade: 31

Sexo: Masculino

Profissão: Jornalista

Localidade: Porto Alegre

2) Motivações e sentimentos:

a) Qual a lembrança mais forte que você tem do Grêmio? Com que idade?

Final da Copa do Brasil de 1989. Tinha apenas seis anos. Foi quando me senti gremista e orgulhoso por isto pela primeira vez.

b) Por que você é gremista? Qual a importância do Grêmio na sua vida?

O Grêmio não foi uma escolha. Eu nasci gremista. Meu pai se responsabilizou por isto. Nunca houve dúvida sobre torcer ou não. Sou gremista, assim como sou canhoto.

c) O que é ser gremista, para você?

É quase uma religião. É ler o jornal todos os dias, ou ouvir rádio, ou navegar na internet para ler sobre o Grêmio. É não perder um jogo, seja no estádio, no bar ou pelo rádio. É saber que o time não está bem numa competição, e ainda assim acompanhar. Tem algo dentro do torcedor que não deixa se afastar.

3) Crenças

a) O que você pensa a respeito da relação entre a imortalidade e o Grêmio?

Enquanto houver um gremista, o Grêmio vai existir. A imortalidade nada tem a ver com vencer ou perder. Tem a ver, sim, com o sentimento de pertencimento a um grupo de pessoas que vibram ou sofrem pela mesma coisa. O sentimento de ser gremista está acima do que ocorre dentro do campo. Vejo a dita imortalidade do Grêmio como um sentimento de esperança, de crença.

b) Você acha que o Grêmio realmente é imortal ou isso é crença da torcida gremista?

O sentimento de ser gremista é que é imortal, que transcende ao período de vida de um humano. Vários gremistas já morreram, e outros tantos nascem a cada dia. Enquanto isto ocorrer, sim, o Grêmio será imortal.

c) Qual fato simboliza essa imortalidade gremista em sua opinião?

Eu não relaciono diretamente a um fato. Relaciono ao sentimento de que nunca vou conseguir ficar longe ou indiferente ao Grêmio.

4) Os livros

a) Qual imagem do Grêmio o livro lhe transmitiu?

No caso do “71”, foi a euforia de transformar um dos momentos mais humilhantes da história do Grêmio – jogar a segunda divisão pela segunda vez – em um momento épico, dado os fatos ocorridos em campo – adversário com quatro jogadores a mais, errando pênalti, e sofrendo o gol logo em seguida. Já o “Nada pode ser maior”, é quase a bíblia do torcedor. Escrito por torcedor, com fatos destacados e contados da maneira que o torcedor quer enxergar o clube, com as provocações que os torcedores fazem aos rivais.

b) Como você teve acesso a esta obra?

O “Nada pode ser maior” foi presente de uma ex-namorada colorada. E o “71” peguei emprestado com meu irmão.

c) Acredita que os livros colaboram para reforçar o mito do imortal tricolor? Lembre-se de algum em que a imortalidade se faz presente?

Para mim, os livros reforçam, mais do que a “imortalidade”, o sentimento de vencer “contra tudo e contra todos”, superando qualquer obstáculo, seja a arbitragem, a falta de dinheiro, a “mídia colorada”, a “mídia paulista”, a “mídia carioca”, a falta de dinheiro ou de jogadores mais qualificados. Acho que este sentimento, esta postura de “contra tudo e contra todos” é o que alimenta o sentimento da imortalidade.

Entrevistado 3

1) Perfil sócio-demográfico

Idade: 23

Sexo: feminino

Profissão: Assistente de importação

Localidade: Dois Irmãos - RS

2) Motivações e sentimentos:

a) Qual a lembrança mais forte que você tem do Grêmio? Com que idade?

A defesa do Gallato do pênalti no jogo contra o Náutico, com 14 anos. Sou a única gremista numa casa de colorados, lembro que estava assistindo aquele jogo com meu pai, e que eu estava tão abalada quando ocorreram as expulsões que ele (colorado) me pegou no colo e ficou tentando me acalmar, eu estava desesperada com a situação e explodi quando o Gallato pegou aquele pênalti, chorei tanto que nem vi o gol do Anderson quando ocorreu, só quando gritaram gol que eu vi que o jogo tinha seguido.

b) Por que você é gremista? Qual a importância do Grêmio na sua vida?

Sou gremista por influência dos amiguinhos da escola, meus pais são colorados mas optaram pela política de “não influenciar” na escolha do meu time. Na época em que eu comecei na escola o Grêmio estava no auge (time de 95/96) e a maioria dos meus colegas era gremista, por isso acabei torcendo também. O Grêmio é importante por ser um ponto de identificação com outras pessoas, algo que “tá sempre ali” todo ano, um recomeço a cada início de ano, tu pode não esperar que mude muita coisa na tua vida num ano, mas sempre espera que o time ganhe o gauchão, a libertadores, o brasileiro, independente de como tenha sido no ano anterior.

c) O que é ser gremista, para você?

Ser gremista pra mim é fazer parte de uma segunda família, é estar junto do time nos bons e maus momentos, é ser esperançoso, ter amor pelo time. Não importa o quão mal vá num ano, se os jogadores não tão rendendo, se a direção tá fazendo besteira ou o técnico é terrível, tu continua ao lado do time, é um amor incondicional,

tu troca de namorado, troca de opinião política, de interesses, mas não troca de time, não abandona.

3) Crenças

a) O que você pensa a respeito da relação entre a imortalidade e o Grêmio?

É algo curioso. Tem duas faces pra mim essa imortalidade, a primeira de que leva a sério o “não tá morto quem peleia”, que não podem contar com a gente derrotado antes do apito final, de que levar um vareio no primeiro jogo não significa que estamos eliminados, e segundo de que, independente de como estiver, o Grêmio, como “instituição”, não morre. Lembro da segunda divisão de 2005, o Grêmio começou mal pra caramba, e mesmo assim tinha um público enorme nos jogos, pessoalmente o ano em que mais fui em jogos do campeonato brasileiro foi na segunda, o Grêmio tem uma torcida fanática, que sabe apoiar nos maiores momentos, e acredito que o time tire forças disso, acho que tem disso também na questão da imortalidade, quando tá no fundo do poço sempre consegue arranjar forças pra se reinventar e ressurgir dentro das condições possíveis e às vezes impossíveis.

b) Você acha que o Grêmio realmente é imortal ou isso é crença da torcida gremista?

Espero que seja imortal, rsrsrs. Acho que, dentro do que falei na pergunta anterior, o Grêmio é imortal. Acontece tanta coisa com o time que às vezes é difícil até para nós torcedores entendermos, como a batalha dos aflitos, as viradas históricas em jogos eliminatórios, lembro de um jogo contra o Fluminense que estava 4x2 aos 45 do segundo tempo e que o Grêmio empatou nos três minutos de acréscimos, acho que tem uma certa imortalidade nisso.

c) Qual fato simboliza essa imortalidade gremista em sua opinião?

Tudo que acontece com o time que é considerado inacreditável, todas as vezes que o time estava no fundo do poço e deu a volta por cima.

4) Os livros

a) Qual imagem do Grêmio o livro lhe transmitiu?

Transmite a imagem de um time guerreiro, de jogadores heróis, um time de dar orgulho.

b) Como você teve acesso a esta obra?

Peguei emprestada de uma amiga.

c) Acredita que os livros colaboram para reforçar o mito do imortal tricolor? Lembre-se de algum em que a imortalidade se faz presente?

Sim, eles destacam todos os feitos heroicos e inacreditáveis do tricolor, em especial o “71 segundos”

Entrevistado 4

1) Perfil sócio-demográfico

Idade 34

Sexo feminino

Profissão analista de sistemas

Localidade Porto Alegre

2) Motivações e sentimentos:

a) Qual a lembrança mais forte que você tem do Grêmio? Com que idade?
Desfile do Campeão do Mundo na Avenida Farrapos em 1983. 3 anos. Descrevi esta lembrança neste textinho: <http://www.recantodasletras.com.br/redacoes/868661>

b) Por que você é gremista? Qual a importância do Grêmio na sua vida?

Porque meus pais são gremistas.

Lazer e confraternização com amigos.

c) O que é ser gremista, para você?

É fazer parte da metade azul do Rio Grande do Sul, com muitos títulos e emocionantes conquistas para lembrar e comemorar.

3) Crenças

a) O que você pensa a respeito da relação entre a imortalidade e o Grêmio?

Marketing.

b) Você acha que o Grêmio realmente é imortal ou isso é crença da torcida gremista?

Não. Isso é ridículo. Não é nem mesmo uma crença. É apenas um *meme* da mídia. Repetido *ad nauseam* por torcedores fanáticos e pela própria mídia.

c) Qual fato simboliza essa imortalidade gremista em sua opinião?

Inventaram essa bobagem no tempo em que ocorreram várias sequências de classificações do Grêmio no fim dos jogos de volta depois de ter perdido o jogo de ida em competições mata-mata.

4) Os livros

a) Qual imagem do Grêmio o livro lhe transmitiu?

“Grêmio: Nada pode ser maior”: imagem de que é o melhor time do mundo. E só poderia ser essa, pois o livro é do Peninha. O mesmo efeito tem “A América aos nossos pés”, também dele.

“71 segundos: O jogo de uma vida”: imagem de uma equipe dedicada a alcançar seus objetivos sob quaisquer circunstâncias, até mesmo frente a sérias dificuldades.

b) Como você teve acesso a esta obra?

Pedi emprestadas a um conhecido.

c) Acredita que os livros colaboram para reforçar o mito do imortal tricolor? Lembre-se de algum em que a imortalidade se faz presente?

Certamente colaboram. Inclusive insistem muito na ideia.

“Grêmio: Nada pode ser maior”: na narração da conquista da Libertadores 1983, especialmente no jogo contra o Estudiantes em La Plata.

“71 segundos: O jogo de uma vida”: na narração dos tais 71 segundos, em que "tudo parecia perdido" depois da expulsão de 4 jogadores.

Entrevistado 5

1) Perfil sócio-demográfico

Idade 21

Sexo Masculino

Profissão Estudante

Localidade Santa Maria

2) Motivações e sentimentos:

a) Qual a lembrança mais forte que você tem do Grêmio? Com que idade?
Batalha dos Aflitos, estava me crismando no mesmo dia, e não queria sair de casa antes do jogo acabar. 12 Anos

b) Por que você é gremista? Qual a importância do Grêmio na sua vida?
Meu pai me ensinou a ser. Hoje em dia não passa de um pequeno momento de ócio ver jogos do grêmio, mas alguns anos atrás era a coisa que mais influenciava na minha vida, de certa maneira influenciou a minha escolha profissional, Designer Gráfico

c) O que é ser gremista, para você?
É uma tradição

3) Crenças

a) O que você pensa a respeito da relação entre a imortalidade e o Grêmio?
Uma jogada de marketing bem feita

b) Você acha que o Grêmio realmente é imortal ou isso é crença da torcida gremista?

Não acredito, mas pode influenciar psicologicamente nos jogadores em algumas partidas.

c) Qual fato simboliza essa imortalidade gremista em sua opinião?
Vitórias na raça e garra

4) Os livros

a) Qual imagem do Grêmio o livro lhe transmitiu?

Que o grêmio tem uma história incrível de um dia muito especial. Devido a garra e desistir jamais.

b) Como você teve acesso a esta obra?

Comprei

c) Acredita que os livros colaboram para reforçar o mito do imortal tricolor? Lembre-se de algum em que a imortalidade se faz presente?

Reforçaram, até porque antes não se falava tanto de imortalidade como se fala depois do acontecido e das publicações dos livros.